



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS CAMPINA GRANDE
CENTRO DE EDUCAÇÃO – CEDUC I
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA**

Fernanda de Farias Sousa

**NAS TESSITURAS DA MEMÓRIA, TRAJETOS DA CULTURA E DA
HISTÓRIA: FESTA DE REIS EM CABACEIRAS(1930-1960)**

CAMPINA GRANDE – PB

2011

FERNANDA DE FARIAS SOUSA

**NAS TESSITURAS DA MEMÓRIA, TRAJETOS DA CULTURA E DA
HISTÓRIA: FESTA DE REIS EM CABACEIRAS(1930-1960)**

Monografia apresentada ao Curso de
Licenciatura Plena em História da
Universidade Estadual da Paraíba
em cumprimento à exigência para
obtenção do grau de graduada.

Orientadora: Prof^a Dr^a Patrícia Cristina de Aragão Araújo

CAMPINA GRANDE – PB

2011

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL – UEPB

S725 Sousa, Fernanda de Farias

Nas tessituras da memória, trajetos da cultura e da história: Festa de Reis em Cabaceiras(1930-1960) [manuscrito] / Fernanda de Farias Sousa. – 2011.

76 f. : il.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) – Universidade Estadual da Paraíba, CEDUC, 2011. “Orientação: Profª. Profa. Drª. Patrícia Cristina de Aragão Araújo, Departamento de História e Geografia”.

1. Festa de Reis. 2. Cultura. 3. Afro-brasileiro.
4. Sociabilidade. I. Título.

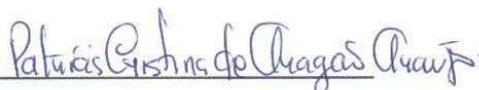
21. ed. CDD 306

FERNANDA DE FARIAS SOUSA

**NAS TESSITURAS DA MEMÓRIA, TRAJETOS DA CULTURA E DA
HISTÓRIA: FESTA DE REIS EM CABACEIRAS(1930-1960)**

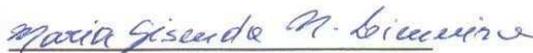
Monografia apresentada ao Curso de
Licenciatura Plena em História da
Universidade Estadual da Paraíba
em cumprimento à exigência para
obtenção do grau de graduada.

Aprovada em 29/11/2011.



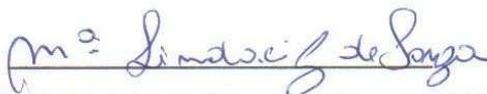
Profª Drª Patrícia Cristina de Aragão Araújo / UEPB

Orientadora



Profª. Msª. Maria Giseuda Limeira / UEPB

Examinadora



Profª Drª . Maria Lindaci Gomes de Souza / UEPB

Examinadora

DEDICATÓRIA

A minha filha, Maria Alice, pelo carinho,
atenção e amor, DEDICO.

AGRADECIMENTOS

A Deus por ter me dado força nos momentos que mais precisei.

Aos meus pais Maria do Carmo e José Marques, minha filha Maria Alice, meu marido Weskley pela compreensão por minha ausência nas reuniões familiares.

A minha prima Priscila, minha sogra Vilma e cunhada Jéssica pela atenção e ajuda nos momentos que mais precisei.

A professora Dr^a Patrícia Cristina de Aragão Araújo pelas leituras sugeridas ao longo dessa orientação e pela dedicação.

Aos meus colegas do curso pela amizade e apoio.

O tempo da memória é social, não só porque é o calendário de trabalho e da festa, do evento político e do fato insólito, mas também porque repercute no modo de lembrar (BOSI, 1994, p. 31)

RESUMO

O objetivo deste trabalho é analisar a Festa de Reis em Cabaceiras, entre os anos 1930 e 1960, como uma manifestação cultural capaz de fazer da sociabilidade entre os partícipes desta uma forma capaz de denominar a festa de Reis como uma das mais importantes da região nordestina. Além de mostrar o trajeto da Festa de Reis, enfatizando seus antecedentes históricos e a maneira como essa festividade era recepcionada, tanto pela elite bem como pela camada popular local. Neste período, a cultura afro-brasileira ganhou uma dimensão a partir das lutas e resistências reproduzidas e moldadas através de uma ancestralidade construída ao longo da história da cidade, trazendo seus significados e seus significantes.

PALAVRAS-CHAVE: Festa de Reis. Cultura. Afro-brasileiro. Sociabilidade.

ABSTRACT

The aim of this work is to analyze the Festa de Reis (King Party) in Cabaceiras-PB, during 1930 and 1960, as a cultural manifestation able to do the sociability among the participants of this party a way that can describe the Festa de Reis as one of the most important from the northeast region. Moreover, one searches to show the route of the Festa de Reis, emphasizing its historic antecedents and the manner like this event was welcomed, not only by the elite but also by the local popular stratum. In this period, the afro-Brazilian culture gained a great dimension from the struggles and resistances reproduced and framed through of an ancestry constructed along the city history, bringing its meanings and significant.

Key- words: Festa de Reis, Culture, Afro-Brazilian, Sociability.

LISTA DE ILUSTRAÇÃO

FOTO 1: O último rei da Festa de Reis em Cabaceiras.....	68
FOTO 2: Coroa usada pelo último rei na Festa de Reis.....	69
FOTO 3: O último rei trajado.....	70
FOTO 4: Traje da última rainha da Festa de Reis.....	71
FOTO 5: Coroa da última rainha.....	72
FOTO 6: Fotografia de Alaíde, uma das entrevistadas	73
FOTO 7: Fotografia de Severina, uma das entrevistadas.	74

LISTA DE SIGLAS

UEPB	Universidade Estadual da Paraíba
NUDOPH	Núcleo de Documentação e Pesquisa Histórica
CEDUC	Centro de Educação
CPDOC	Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea
SUDENE	Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste

SUMÁRIO

1. Introdução	11
2. A festa como uma tradição e reinvenção popular: leitura da Festa de Reis em Cabaceiras.....	24
A cultura popular na perspectiva das festas e suas tradições.....	24
Tradição da memória local: a festa como expressão e lugar de história.....	33
3. Festa de Reis em Cabaceiras: espaço de sociabilidade e tessituras de história de vida.....	46
Memória do cotidiano da Festa de Reis: narrativas de históricas seus protagonistas.....	46
Mapeamento de Cabaceiras entre 1930 a 1960.....	48
Os protagonistas e seus lugares no espaço social da Festa de Reis.....	51
Sociabilidades da Feste de Reis de Cabaceiras: dos afro-brasileiros e da celebração nas ruas.....	55
4. Considerações finais	62
5. Referências	64
6. Apêndice	66

1- INTRODUÇÃO

A cultura afro-brasileira adquire dimensionalidade e importância no decorrer do tempo através das lutas e resistências. Segundo Nogueira (2008, p.1), a festa vivida pelo negro e, posteriormente, pelos seus descendentes, obteve valores culturais trazidos pelas diversas linhagens étnicas africanas, podendo ser celebrados, reproduzidos e moldados como pretexto para lutas e resistências.

Nesse sentido, nossa proposta é trazer a cultura afro-brasileira por meio da Festa de Reis em Cabaceiras-PB, notabilizada através dos protagonistas negros a partir de uma ancestralidade que foram construindo ao longo da história da cidade.

Ao se referir acerca das culturas, Cucho (1999) nos remete que:

As culturas populares revelam-se, na análise, nem inteiramente dependentes, nem inteiramente autônomas, nem pura imitação, nem pura criação. Por isso, elas confirmam que toda cultura particular é uma reunião de elementos originais e importados, de invenções próprias e de empréstimos. (CUCHE, 1999, p.149)

A cultura afro, como expressão da tradição brasileira, foi consubstanciada na festa através das danças, trajetos, vestimentas, gestos e movimentos que possibilitavam mostrar a estima e a importância dos valores afro-brasileiros, sendo reproduzidas no decorrer do tempo a partir dos laços de herança entre pais e filhos, possuindo como caracteres fundamentais a resistência à dominação, à provocação e à contestação, manipulando, na maioria das vezes, de forma irônica.

As manifestações produzidas pelos negros tinham um sentido histórico e cultural e, no caso da festa de reis, uma mescla cultural e religiosa de uma religiosidade católica popular, pois as pessoas que faziam parte do evento eram oriundas das camadas populares, mas simultaneamente também tinha esse caráter de circularidade.

A experiência religiosa no Brasil, principalmente aquela marcada pelo catolicismo popular e pela cultura afro, no caso a Festa de Reis em Cabaceiras, é perpassada estruturalmente pela dimensão festiva e que no cotidiano articula-se entre o sagrado e o profano, atuando na reativação da

memória coletiva. Assim sendo, a festa e a religiosidade guardam continuidades importantes para a compreensão da formação da sociedade brasileira.

O universo do catolicismo popular, segundo Passos apud Leonel (2010, p.41), teria criado um mundo povoado de mistérios e de rituais próprios, encobrendo a vida e a história das comunidades e famílias, engendrando formas diferenciadas de representação simbólica. Não se trataria, segundo Leonel (2010), de reter ou classificar o que ficou de católico, de africano, ou de lusitano, mas de compreender que, apesar de profundas continuidades e investidas institucionais, tais manifestações são capazes de recriar uma série de normas, regras, valores, expressões, gestos e práticas em contato com o presente e com as mudanças sociais. Assim,

No universo do catolicismo popular, a religiosidade frequentemente se manifesta através da devoção aos santos, das procissões e das romarias, dos cortejos e das danças, das orações e das invocações de perdões e milagres, geralmente expressos em palavras, ações e gestos coletivos. Através deles, sentimentos, laços, conflitos e valores são rememorados ciclicamente em determinados períodos do ano, sob a forma de práticas que dialogam, a todo tempo, com as conjunturas históricas em questão (LEONEL, 2010, p. 42).

É importante lembrar também que, durante a maior parte da história do Brasil, a religião ocupou um lugar constante e privilegiado nas manifestações públicas. Sua influência vai além da constituição de ideias, normas, ritos e símbolos religiosos, mas estende-se à sedimentação, na sociedade, de formas de comportamento e de estar junto em sociedade.

Nesta perspectiva, é necessário considerar que a religiosidade popular não é mero artefato histórico-cultural, mas expressão de sociabilidade, pois se trata de um reflexo da ação das pessoas e encontra-se circunscrita no cotidiano, nas faltas e conflitos das realidades de um povo.

Nosso objetivo, neste trabalho, é problematizar acerca da história da Festa de Reis em Cabaceiras entre 1930 e 1960, como um espaço de sociabilidade, dando significado à cultura afro-brasileira no espaço de Cabaceiras.

Como objetivos específicos, nossa proposta é mostrar o trajeto da Festa de Reis em Cabaceiras, enfatizando seus antecedentes históricos e a maneira

como essa festividade era recepcionada, tanto pela elite bem como pela camada popular local. Ainda tomando como relevância os objetivos, temos também como norte verificar como essa festa ocorria, em que período acontecia e como era organizada. Observamos como as pessoas se preparavam, antes, durante e após a festa e quem eram os protagonistas dessa festividade.

Além de identificar os protagonistas desse festival e a partir das memórias de idosos, participantes ou membros das famílias que compartilhavam dela, contextualizar historicamente a Festa de Reis. Outro ponto é mostrar o potencial cultural e histórico da cultura afro-brasileira, notabilizando sua historicidade e o seu papel cultural, trazendo seus significados e seus significantes.

Tomamos como recorte temporal o período entre os anos 1930 e 1960, por considerá-lo pertinente ao nosso estudo, tendo em vista que os anos, anteriormente remetidos, compreendem o ápice da Festa de Reis em Cabaceiras. A partir deste momento, a festividade obteve um aumento no número de curiosos e partícipes, tendo como consequência um maior desenvolvimento na cidade, seja no aspecto cultural ou no viés econômico.

A escolha da temática do presente estudo foi realizada a partir de quatro vieses, a saber: primeiro, pelo fato de que, desde o início do curso, percebemos o quanto essa temática nos chamava a atenção e obtinha relação com uma das festividades realizadas em Cabaceiras. À medida que o tempo passava, durante quatro anos de curso, observamos que a realização de um trabalho acadêmico era necessário, isso porque as pessoas mais idosas que vivenciaram essa manifestação obtinham um conhecimento profundo acerca da Festa de Reis em Cabaceiras; segundo, pelo fato da Festa de Reis em Cabaceiras tornar-se uma manifestação caracterizada pela cultura afro-brasileira, ganhando repercussão a nível regional e tornando-se um exemplo de resistência e luta a partir das danças, gestos e vestimentas no transcórrer do festejo. Um terceiro aspecto, por sua vez, remete ao fato de que os trabalhos acadêmicos que abordam a Festa de Reis que ora enfatizamos o fazem em uma perspectiva de apenas evidenciar a festividade como sendo apenas uma tradição que pode ser reinventada no transcórrer dos anos, reajustando essa

manifestação como uma forma de obter um público maior, mesmo que não evidenciasse o aspecto religioso.

Nesta mesma perspectiva se articula o trabalho de conclusão de Mônica Gangorra, intitulado *A Festa de Reis em Queimadas*, apresentado em 2008, no Curso de História da Universidade Estadual da Paraíba que objetivava discutir como a Festa de Reis em Queimadas foi mudando suas tradições no transcorrer do tempo, partindo da premissa de que o evento vai sendo moldado para a obtenção do aumento de público em massa.

Em nosso estudo, todavia, buscamos ressignificar a Festa de Reis mostrando Cabaceiras como um espaço de sociabilidade, dando significação à cultura afro-brasileira na cidade, partindo do pressuposto de que o festival obtinha seus significados e os seus significantes. Assim, partimos da premissa de que „festa é uma “forma” capaz de plasmar conteúdos diversos e destinada à promoção de laços de sociabilidade, mesmo que conflitantes” (LEONEL, 2010, p.35).

Outro motivo que nos fez optar por esta temática deve-se ao fato de que consideramos que, para a linha de pesquisa do curso de História, na perspectiva *Étnico-cultural*, discutir sobre festividades no contexto da História fazendo uma relação entre as mesmas e a cultura afro-brasileira, nos possibilita compreender, como historiadores, as influências culturais afro-brasileiras na Festa de Reis em Cabaceiras, evidenciando como a partir das lutas e resistências os escravizados ou descendentes como estes a serem analisados buscaram nas danças, cantos, gestos e vestimentas a melhor forma de expressar a cultura afro-brasileira a partir desta localidade.

Pesquisando alguns trabalhos de conclusão de curso que estão arquivados no NUDOPH¹ observamos que muitos destes abordaram aspectos referentes às Festas de Reis na perspectiva cultural, especificamente da cultura afro-brasileira. Dentre estes podemos mencionar o de Orlando de Almeida Sousa, que tem por título *O Reisado em Cabaceiras (1860-1945)*, defendido em 2005 e que objetivava enfatizar o reisado como uma

¹ Núcleo de Documentação e Pesquisa Histórica. Trata-se do arquivo do curso de História onde são armazenados os trabalhos de conclusão de cursos da graduação dos discentes, algumas monografias de especialização e os memoriais de experiência docentes dos alunos estagiários.

manifestação cultural que perpassa por tradições e mudanças no transcorrer do tempo, permanecendo nas memórias dos idosos cabaceirenses.

Analisando o trabalho que mencionamos acima, iremos perceber que a discussão realizada no tocante a Festa de Reis, ou melhor, ao Reisado em Cabaceiras, na perspectiva tradicional afro-brasileira, o faz no sentido de destacar o prisma cultural, especificamente a partir da cultura afro-brasileira, porém, não remete à discussão no que diz respeito à visão da Festa de Reis a partir da sociabilidade e da luta dos afro-descendentes pela sua cultura.

Levando em consideração as discussões anteriores, como questão orientadora de nosso estudo, levantamos o seguinte questionamento: De que forma a Festa de Reis em Cabaceiras pode ser percebida como uma festividade que, para além do divertimento a sua História e a História dos partícipes nela envolvidas, pode consistir em um meio capaz de proporcionar uma sociabilidade ao ponto de que os seus manifestantes busquem na luta e resistência a efetivação da cultura afro-brasileira?

Do ponto de vista teórico, nosso estudo está estruturado no contexto da História Cultural, na perspectiva da Micro-História. Tal campo historiográfico nos subsidiou para entendermos de que maneira os participantes da Festa de Reis em Cabaceiras buscaram na luta a construção da cultura afro-brasileira, tomando como perspectiva a sociabilidade entre aqueles.

A transformação nos estudos históricos produzida pela História Cultural pode ser situada a partir da mudança nos anos 1970 ou mesmo um pouco antes, com a crise de maio de 1968, com a guerra do Vietnã, a ascensão do feminismo, o surgimento da New Left², em termos de cultura, ou mesmo a derrocada dos sonhos de paz no mundo pós-guerra. Foi quando então se insinuou a crise dos paradigmas explicativos da realidade, ocasionando rupturas epistemológicas profundas que puseram em xeque os marcos conceituais dominantes na História (PESAVENTO, 2005, p. 8).

² A revista *New Reasoner* foi fundada por E. P. Thompson e Saville após o rompimento destes com o Partido Comunista Britânico em 1956. O título da revista representava uma afronta ao partido comunista que havia proibido, nos anos anteriores, a circulação da revista *Reasoner* também sistematizada por estes dois intelectuais. Posteriormente a *New Reasoner* se fundiu a *Left Review* organizado por alunos da universidade de Oxford resultando na criação da *New Left*.

As duas principais posições interpretativas da História foram o marxismo e o movimento dos Annales, muito embora parte das inovações, para as quais derivam a Nova História Cultural. Segundo Rosa (2007, p.1), esta revolução historiográfica desencadeada pelos teóricos da Escola dos Annales possibilitou o impulso de diferentes perspectivas de escrever e estudar a história.

A História Cultural abriu um leque de possibilidades para a historiografia em que os historiadores passaram a pensar, focalizar, a pesquisar e escrever a história a partir de outras perspectivas. Buscaram a quebra dos paradigmas positivistas e tradicionais e foram construindo uma história não preocupada com a apologia de príncipes ou generais em feitos singulares, mas sim se voltando para uma história preocupada com anônimos, seus modos de viver, pensar e sentir. Assim,

[...] uma história problematizadora do social, preocupada com as massas anônimas, seus modos de viver, sentir e pensar. Uma história com estruturas em movimento, com grande ênfase no mundo das condições de vida material, embora sem qualquer reconhecimento da determinância do econômico na totalidade social, à diferença da concepção marxista da história. Uma história não preocupada com a apologia de príncipes ou generais em feitos singulares, senão com a sociedade global, e com a reconstrução dos fatos em série passíveis de compreensão e explicação (VAINFAS, 2002, p.17).

Essa revolução historiográfica impulsionou diferenciadas perspectivas de estudar a história. Assim, também o desenvolvimento da Micro-História, a qual o processo se confunde com a própria História Cultural, aparece no bojo dos anseios dos historiadores que buscavam um novo modo de compor a historiografia.

A Micro-História surge em 1970, a partir de um movimento de historiadores italianos, associados à linha editorial Einaudi. Eles buscam destacar a riqueza de possibilidades proporcionada pela micro-análise social. Assim,

[...] a "Micro-História surge tornando possível a historiografia dos anônimos, dos esquecidos, buscando nesse elementos os pressupostos da história social e cultural, rompendo com a história positivista, tradicional" (ROSA, 2007.p.2).

Dentre os historiadores que enveredaram pelo campo da História Cultural, na perspectiva da Micro-História, merece destaque o italiano Carlo Ginzburg que em 1976 lança uma obra ímpar nesse campo de estudo e por que não dizer, também da Micro-História, intitulada *O queijo e os vermes*. Nela, o conceito de cultura é definida como “o conjunto de atitudes, crenças, códigos de comportamento próprios das classes subalternas em um certo período histórico” (GINZBURG, 1987, p. 16).

Tendo como base esta discussão acerca da História Cultural, na perspectiva da Micro-História, percebemos que tal campo historiográfico nos permite lançar o olhar sobre o nosso objeto de estudo de maneira a elucidar as vivências e experiências dos indivíduos que fizeram parte de nosso estudo. Tais sujeitos são detentores de conhecimentos constituídos a partir da festa sobre a qual enfatizamos.

Trabalhamos com a História Cultural, na perspectiva da Micro-História, em sua vertente italiana, tomando como referência principalmente os estudos de Carlo Ginzburg (1987), no qual nos apropriamos do conceito de circularidade cultural. Ginzburg (1987) dirigiu uma coleção chamada de *Microstorie*, juntamente com Giovanni Levi, publicada pela editora Einaudi, de Turim, a partir de 1981, cujo gênero historiográfico, a Micro-História, tornou-se uma nova possibilidade de discussões, estabelecendo os anônimos como sujeitos históricos.

No livro *O Queijo e os Vermes*, Ginzburg (1987) define a cultura popular como “um horizonte de possibilidades latentes, uma jaula flexível e invisível dentro da qual se exercita a liberdade condicionada de cada um” (GINZBURG, 1987, p.27). Partindo dessa definição, Ginzburg acaba por formular uma visão de cultura popular que não se confunde com cultura imposta às classes populares pelas classes dominantes, nem expressa o triunfo de uma cultura original e espontânea das classes populares sobre os projetos aculturadores das elites letradas.

Segundo Vainfas (2002, p.60), a cultura popular, com base em Ginzburg, se define pela sua oposição à cultura letrada ou oficial das classes dominantes. Por outro lado, a cultura popular se define também pelas relações que mantém com a cultura dominante, filtrada pelas classes subalternas segundo seus próprios valores e condições de vida. Porém, a cultura letrada filtra, a seu

modo, os elementos da cultura popular, formulando-se, assim, a circularidade cultural.

O estudo das idéias de Menocchio é um exercício teórico interessado em demonstrar o conflito e as relações de classes no plano cultural. Como destaca Vainfas (2002, pp.60-61), não é correto dizer-se que Ginzburg pretende desvendar a cultura popular a partir de um “único exemplo, de um único processo inquisitorial”. O objeto teórico do livro que o moleiro Menocchio personifica não é a cultura popular em si, mas o complexo processo de circularidade cultural presente em um indivíduo que, embora ingresso das classes subalternas, sabia ler e, com certeza, lera certos textos produzidos no âmbito das classes dominantes, afunilando-os através de valores da cultura camponesa.

Da mesma forma que Menocchio se apropriou da cultura dominante, embora pertencesse à cultura subalterna, também aquela cultura se apropriou das tradições deste. A Festa de Reis em Cabaceiras, desta forma, manteve essa dinâmica entre os níveis culturais populares e eruditos, embora que os partícipes dessa festividade, em sua maioria, pertencessem ao contexto popular. Essa proposição possibilitou uma circularidade cultural.

Na perspectiva tradicional, utilizamos como base teórica Hobsbawm e Ranger (2008), ambos coordenadores da coletânea *Invenção das Tradições*, onde tomava o estudo das tradições como um caminho para esclarecer as relações humanas com o passado e, conseqüentemente, a história da história e do ofício de historiador.

Hobsbawm e Ranger (2008), ao discutirem acerca do conceito tradição, enfatizam que é essencialmente um processo de formalização e ritualização, caracterizado por referirem-se ao passado, mesmo que apenas pela imposição da repetição. Porém, novas tradições são estabelecidas e aplicadas em conjunto com determinadas tradições já institucionalizadas pelo transcorrer do tempo. Assim, a Festa de Reis tornou-se tradicional na medida em que o trajeto real e a organização festiva favoreceram a um conjunto de práticas que foram estabelecidas pela repetição em relação aos costumes dos seus ancestrais, escravizados, porém, novas tradições também foram aplicadas.

No que concerne à discussão acerca de festas, tomamos como base referencial Santos (2008), Leonel (2010) e Couto (2005). Estes três autores nos

forneceram aporte teórico para pensar a festividade para além do espaço de comemoração, um lócus de sociabilidade e afetividade.

As festas, como espaços de sociabilidade e afetividade, além do sentido de comemoração, constituem uma maneira das pessoas se relacionarem e se divertirem, adquirindo experiências e saberes. Partindo destes aspectos, podemos compreender que

Visto como um acontecimento coletivo, a festa ultrapassa o sentido da comemoração e ajuda a reforçar os laços sociais e afetivos. A religiosidade aproxima as pessoas e lhes dão um sentido de comunidade. O caráter de ascendência espiritual perpassa pela celebração do sagrado e dá à festa um caráter ideológico, capaz de manter coesos interesses e vivências díspares. (SANTOS, 2008, p.5)

Tendo como norte a discussão de Santos (2008) vemos que a festa pode ser pensada a partir da coletividade, cujo sentido de reforçar os laços sociais e afetivos perpassa o de comemoração, dando-lhe um imagem de comunidade.

Como um espaço de comunidade, a Festa de Reis em Cabaceiras tornou-se um lócus estritamente ligado às relações sociais e afetivas, possibilitando que os participantes dessa festividade utilizassem das concepções de sociabilidade para fazer dessa manifestação um espaço de diversão e movimento. O caráter inclusivo-democrático da festa torna todos protagonistas, criando um corpo coletivo.

Em consonância com a concepção de festividade acima analisada, podemos apresentar a definição de Couto (2005), de acordo com a qual tais festividades têm a função primordial de reatualizar o tempo mítico, reversível e recuperável. Ao participar desses eventos, o fiel evoca e recria o tempo inicial. As manifestações religiosas não significam apenas a comemoração de um acontecimento, mas a sua reatualização, uma forma de reviver o tempo original e promover a purificação.

Dessa forma, “as festas são mais que um simples faz de conta, são uma forma de estar-junto. Assim, compõem uma série de meios diversos de se experienciar a vida em coletividade, ou seja, uma forma lúdica de sociação” (LEONEL, 2010, p. 2).

Na tentativa de compreender como os indivíduos envolvidos na Festa de Reis utilizavam dos valores culturais, especificamente afro-brasileiros, recorreremos ao conceito de cultura como luta e resistência.

Tomando como aporte Nogueira (2008), compreendemos que o evento vivenciado pelos escravizados e, posteriormente, por seus ancestrais obtiveram valores culturais trazidos por etnias africanas no intuito de serem exaltadas, celebradas e, acima de tudo, como resistência.

Com a Festa de Reis em Cabaceiras a cultura afro-brasileira obteve valores inestimáveis, levando em consideração que a tradicional festividade é visada por seus partícipes como um espaço de valorização para a cultura negra, em que a resistência e a luta eram observadas a partir das vestimentas, roupas, adereços e também na organização.

Tomamos como base teórica Bosi (1994) para discutirmos acerca da memória dos mais idosos, compreendendo que é a fonte onde jorra a essência da cultura, ponto onde o passado se conserva e o presente se prepara. No caso da Festa de Reis em Cabaceiras, a memória dos mais experientes tornou-se uma fonte capaz de absolver o conhecimento e as lembranças, buscando recuperar, em partes, as vivências e experiências dos partícipes dessa festividade.

A partir da participação na Festa de Reis em Cabaceiras, homens e mulheres buscaram nas suas memórias uma forma de conservar o passado, recordando-o no presente. Nesta pesquisa, ao recorrer a tal memória, almejamos ressignificar as experiências e vivências destes sujeitos, levando em consideração a sua importância enquanto fontes que emanam lembranças, memórias, tornando-se guardiões do passado.

A pesquisa sobre a Festa de Reis em Cabaceiras, além da base bibliográfica, tem como evidências, para compreender o evento estudado, a fonte oral em que busca, através das entrevistas, favorecer o entendimento acerca do assunto que se pesquisa, neste caso, a Festa de Reis. Essa fonte torna-se uma nova possibilidade de investigação histórica, incluindo no elenco de mudanças epistemológica que atualmente procuramos abordar em nossas pesquisas como base e sustentação.

De acordo com Rosa (2007, p.2), a moderna História Oral surgiu na década de 40, após a Segunda Guerra Mundial, com os sociólogos da Escola

de Chicago em que a partir de várias tendências se delinearão: a primeira constituída por entrevistas por elites políticas (a História de cima). Depois, com Paul Thompson, a história dos excluídos (a História de baixo).

Na Itália, uma das origens da História Oral contemporânea foi à rede de centros locais para o estudo de guerrilheiros antifascistas do tempo da guerra. Na Holanda obteve também a necessidade de registrar o fascismo. No Brasil, as primeiras pesquisas mais efetivas a respeito ocorrem a partir de 1975 com o Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea – CPDOC. O objetivo desta primeira experiência no Brasil era estudar as grandes transformações da década de 1930, através dos testemunhos da elite política brasileira. Segundo Rosa (2007, p.3), no Brasil, a História Oral cresceu onde subsistia uma tradição de trabalho de campo dentro da própria história, como a história política, história operária, história local, ou onde os historiadores têm entrado em contato com outras disciplinas, como a antropologia e a sociologia.

A História Oral, nesse viés, não é visada apenas como instrumento para fornecer informações sobre o passado, mas também uma forma adquirida da subjetividade dos narradores. Segundo Rosa (2007),

Alessandro Portelli [...] não encara a História Oral como instrumento para fornecer informações sobre o passado, o que lhe interessa é a subjetividade dos narradores. Não o resgatar da fala dos dominados ou dominadores, o ineditismo, ou mesmo o preenchimento de lacunas que lhe interessa, mas sim a recuperação do vivido, segundo a concepção de quem o viveu (ROSA, 2007, p.3).

É a subjetividade do expositor que fornece às fontes orais o elemento precioso que nenhuma outra fonte possui em medida igual. A História Oral, mais do que sobre eventos, remete significados, nela a aderência cede passagem à imaginação.

A História Oral se apresenta como uma forma de fazer histórico. Ela pode ser utilizada articulando-se outros tipos de pesquisa ou como método selecionado pelo pesquisador para desenvolver seus estudos. Ela possibilita o resgate de diferentes interpretações acerca da história vivida, constituindo-se numa forma democrática de fazer histórico. Colocando o pesquisador em contato com os atores sociais e suas lembranças, esquecimentos, ressentimentos e sentimentos.

Ao estudar um pequeno evento, circunscrito historicamente no tempo e no espaço, como é o caso da Festa de Reis em Cabaceiras, permite a compreensão, em escala, de uma realidade mais ampla. Desse modo, a pesquisa pode ser realizada utilizando os mecanismos da História Oral na tentativa de compor uma Micro-História.

Para realizar um estudo micro-histórico de uma cidade cuja escassez de documentos é extrema, a metodologia da História Oral parece elementar, pois

[...] a História Oral é uma metodologia de pesquisa voltada para o estudo do tempo presente e se baseia na voz de testemunhas, como o objetivo de escutar e compreender o pensamento dos atores sociais que vão, ao narrar, construindo ao mesmo tempo a sua história pessoal e a da sua comunidade (ROSA, 2007, p.8).

No caso do estudo que se pretende realizar sobre a Festa de Reis em Cabaceiras, o emprego de fontes orais se deve ao fato de que nesta cidade, assim como na maioria das pequenas urbes paraibanas, não obtém documentos o suficiente para tal estudo. Sendo assim, os recursos proporcionados pela História Oral permitem que se recupere através das falas dos indivíduos a memória cultural do grupo.

Assim,

Com a Micro-História ocorre a (re) valorização de fontes e documentos, possibilitando a utilização de fontes orais ou porque não dizer da história oral e conseqüentemente da memória, das lembranças, considerando essencialmente que a história é feita de homens e mulheres com sentimentos, emoções, vivências, desejos, sonhos (ROSA, 2007, p.10).

Trabalhamos com a História Oral na modalidade História temática. Tal modalidade de acordo com Freitas (2006, p.21) é realizada com um grupo de pessoas, sobre um assunto específico. Essa entrevista, que tem característica de depoimento, não abrange necessariamente a totalidade da existência do informante. Assim, ao trabalhar com a História Oral temática, não buscamos abranger a totalidade de nossos depoentes, mas apenas suas experiências constituídas tendo como base a Festa de Reis em Cabaceiras ao qual enfocamos no presente trabalho.

Optamos por utilizar o questionário por considerar que este permite que o depoente possa discorrer acerca dos aspectos que envolvem o objeto de

estudo. Para empreender nossos questionários elaboramos um roteiro com sete itens, os quais no momento da pesquisa se desdobravam em vários outros questionários.

Os indivíduos de nossa pesquisa são quatro sujeitos que participaram da festa a qual remetemos neste estudo, sendo dois agricultores na faixa etária compreendida entre 79 e 88 anos e duas professoras com idade entre 65 e 92 anos. Os nossos depoentes são moradores de Caruatá de Dentro e Curral de Baixo, que compõem a cidade de Cabaceiras onde ocorreu a Festa de Reis.

Utilizaremos também fotografias da Festa de Reis em Cabaceiras, considerando que as fontes imagéticas não são meras ilustrações, mas um documento que porta significados, ideologias. Dessa forma, Burke (2004, p 47) considera que as imagens podem ser tanto evidência da história como a própria história, visto que a produção das mesmas envolve muitas vezes um comportamento próprio dentro de uma ampla escala social.

Nossa pesquisa foi estruturada a partir de seis etapas. Num primeiro momento, no ano de 2010, fizemos visitas informais às comunidades, espaços de nossa pesquisa em busca de perceber a maneira como destacavam a festividade, bem como o cotidiano das pessoas que residem nestes lócus. No segundo momento, fizemos um levantamento das fontes disponíveis para o nosso estudo, tais como: fotografias e quais entrevistados seriam possivelmente nossos depoentes.

Posteriormente, no ano de 2011, partimos para a pesquisa bibliográfica sobre a questão da referida festa no espaço de tempo abrangente entre 1930 e 1960, na busca de contextualizar o nosso objeto de pesquisa. Logo a seguir, iniciamos o estudo dos autores que nos dão aporte do ponto de vista teórico.

No quarto momento, por sua vez, buscamos realizar as entrevistas e dar continuidade à pesquisa em busca de mais fontes nas comunidades. Posteriormente analisamos o questionário. Na última etapa, estruturamos a escrita dando resultado final ao nosso trabalho.

Nosso trabalho está organizado em uma introdução e dois capítulos. No segundo capítulo, intitulado *A festa como uma tradição e reinvenção popular: leitura da Festa de Reis em Cabaceiras*, discutiremos acerca da História Cultural, na perspectiva na Micro-História, levando em consideração as festas e suas tradições.

Já no terceiro capítulo, *Festa de Reis em Cabaceiras: espaço de sociabilidade e tessituras de história de vida*, discutiremos acerca da Festa de Reis em Cabaceiras na perspectiva das pessoas que participavam dela ou cujos ancestrais vivenciaram esse contexto festivo. Dessa forma, nosso intuito é traçar uma trajetória da festa do ponto de vista dos seus protagonistas, enfatizando as vozes que muitas vezes foram silenciadas pela história.

2- A FESTA COMO UMA TRADIÇÃO E REIVENÇÃO POPULAR: LEITURA DA FESTA DE REIS EM CABACEIRAS

Neste capítulo, iremos destacar a Festa de Reis em Cabaceiras a partir da perspectiva da Micro-História com base no pensamento elaborado por Ginzburg (1987), bem como levando em consideração a cultura popular presente nessa festividade, destacando seu surgimento, quem organizava e, também, como era organizado.

2.1- A CULTURA POPULAR NA PERSPECTIVA DAS FESTAS E SUAS TRADIÇÕES

Em 1920, surge na França uma nova forma de pensar as questões historiográficas, identificadas como História das Mentalidades, arcabouço intelectual que vai dar origem à História Cultural. Essa nova forma de interpretar os fatos históricos buscava fugir da história historicizante: uma

história que se furtava ao diálogo com as demais Ciências Humanas, a antropologia, a geografia, a economia, a psicologia, a linguística, e, sobretudo, a sociologia (FILHO, 2005, p.1)

No entanto, muitas críticas vão insurgir contra os defensores da História das Mentalidades. A mais rotineira delas é de que a História das Mentalidades torna multi-fragmentado o seu objeto de estudo. Ou seja, “a chamada História das Mentalidades abriu-se de tal modo a outros saberes e questionamentos que, no limite, pôs em risco a própria legitimidade da disciplina” (VAINFAS, 2002, p.55-56).

Cercada por críticas de diversas formas, a História das Mentalidades refugia-se na chamada Nova História Cultural. Segundo Pesavento (2005, p. 14-15), na Nova História Cultural

Foram deixadas de lado concepções de viés marxista, que entendiam a cultura como integrante da superestrutura, como mero refluxo da infraestrutura, ou mesmo da cultura como manifestação superior do espírito humano e, portanto, como domínio das elites. Também foram deixadas para trás concepções que opunham a *cultura erudita* à cultura popular, esta ingenuamente concebida como reduto do autêntico. Longe vão também as assertivas herdeiras de uma concepção da belle époque, que entendia a literatura e, *por extensão*, a cultura, como o sorriso da sociedade, como produção para o deleite e a pura fruição do espírito.

A Nova História Cultural conduziu uma nova forma de a história discutir a cultura. Não mais como uma mera expressão do pensamento, onde se estudava os grandes nomes de uma dada corrente ou escola. Mas, “enxergar a cultura como um conjunto de significados construídos e partilhados pelos homens para explicar o mundo” (PESAVENTO, 2005, p.15).

A Nova História, pela discussão acima remetida, vai fazer ressalvas, sem negá-lo, à concepção conceitual de mentalidades por estruturá-lo ambíguo e excessivamente vago. Porém, a mesma não nega a aproximação com as outras Ciências Humanas, aceita os temas do cotidiano e admite o conceito de longa duração. Segundo discorre Vainfas (2002):

Os historiadores da cultura [...], não chegam propriamente a negar a relevância dos estudos sobre o mental. Não recusam, pelo contrário, a aproximação com a antropologia e demais ciências humanas,

admitem a longa duração e não rejeitam os temas das mentalidades e do cotidiano (VAINFAS, 2002, p.56).

Além disso, a Nova História Cultural quer também se aproximar das massas anônimas, revelando uma especial afeição pelo informal, por análises historiográficas que apresentem caminhos alternativos para a investigação histórica, indo onde as abordagens tradicionais não foram.

A inserção de novas temáticas, assim como uma apreensão do simbólico por parte do historiador, tem sido pontos fundamentais nesse novo saber e fazer histórico. Temas como o medo, o corpo, a morte, a loucura, o clima, a feminilidade, a festa, entre outros, tem sido objetos de estudo desse novo historiador, o que na perspectiva da história tradicional era algo praticamente impensável. Todos estes aspectos da vida humana passam a ter uma nova dimensão, ou seja, a perspectiva cultural, pois no campo da história cultural, temáticas como a que nós nos referimos anteriormente passaram a ser pensadas numa perspectiva cultural onde historiadores dão outro enfoque. Nesse sentido assinala Burke apud Lima (2011):

O que era previamente considerado imutável é agora encarado como uma “construção cultural”, sujeita a variações, tanto no tempo como no espaço [...]. A base filosófica da nova história é a idéia de que a realidade é social ou culturalmente constituída. O compartilhar dessa idéia, ou sua suposição, por muitos historiadores sociais e antropólogos sociais ajuda a explicar a recente convergência entre essas duas disciplinas. (LIMA, 2011, p.1)

Em relação a essa perspectiva, buscamos trabalhar com base em uma festa, especificamente a Festa de Reis, como uma das temáticas de grande importância no novo contexto histórico cultural. Essa festividade em Cabaceiras tanto apresenta aspectos históricos que é relevante até mesmo para a história da cidade, uma vez que essa é a história da própria festa, além de ser a forma de como se obter um conteúdo de memória, pois se tornou uma importante maneira de representar a memória local, a partir dos sujeitos que fizeram parte dessa festividade, da historicidade no momento em que a festa aconteceu e a época em que a cidade se consubstanciava dessa festa.

Sendo assim, essa festividade terá nesse trabalho uma grande valorização, favorecendo para o crescimento cultural do município, haja vista que Cabaceiras, situada no Cariri paraibano, é uma cidade que tem como base econômica a cultura do bode, mas encontrou na Festa de Reis, entre 1930 à 1960, um importante meio de significação da cidade no contexto paraibano.

Essa cidade, dessa forma, passou a ser conhecida a partir da Festa de Reis. A maneira como a Festa era comemorada, por ser uma festividade popular e também de caráter religioso, chamou a atenção da cidade e dos que viam de outras localidades, dando destaque ao turismo, aspecto este importante para o crescimento da festa e o reconhecimento da localidade.

Mediante este aspecto, uma nova possibilidade de investigação histórica tem início, incluindo no elenco de mudanças epistemológicas que acompanharam a emergência da Nova História Cultural. Estamos nos remetendo à origem da Micro-História. É nela que diversos historiadores da Nova História buscaram realizar suas pesquisas, a exemplo de Carlo Ginzburg (1987), historiador, na qual nos referenciamos para a discussão da Festa de Reis em Cabaceiras, numa perspectiva de abordagem histórica.

Nas últimas décadas do século XX, surgiu na Itália um grupo de historiadores que desenvolveu uma perspectiva inovadora, uma nova maneira de fazer história, que segundo Rosa (2007, p.5), é um movimento de historiadores italianos que apontam para a riqueza de possibilidades proporcionada pela micro-análise social. A partir dos estudos de Carlo Ginzburg e do grupo de historiadores que estavam articulados com a micro-história Italiana, as questões relativas ao local ganharam proporções e dimensões no campo da historiografia, tanto é que tais discussões passaram a fazer parte do contexto, tanto da história do campo social da cultura, como também da história cultural do social, a partir da perspectiva do micro.

Com a Micro-História, propunha-se observar de perto a vida cotidiana, as redes de relações interindividuais, os detalhes e indícios que muitas vezes passavam despercebidos, o impacto dos grandes processos históricos na vida concreta dos indivíduos, para, além disso, observar com inusitado interesse o indivíduo anônimo que muitas vezes era apagado da história tradicional. Isto porque, na perspectiva da história tradicional, eram os grandes eventos, a

visão da elite como protagonista, que obtinham uma importância no campo historiográfico.

Com os estudos desenvolvidos pela Escola dos Annales, particularmente na atual geração, em que está incluído Carlo Ginzburg, sobretudo a partir dos estudos da Micro-história, aqueles sujeitos que estavam silenciados passaram a ter evidência, a ser protagonistas.

Essa nova forma de trabalhar denominava-se de "Micro-História", isto porque se buscava privilegiar a análise das fontes. Fontes estas que poderiam ser cartoriais, fotográficas, ou seja, a partir dos estudos da Micro-história alargou-se uma nova possibilidade de estudos para o historiador. Ele poderia buscar, nas fontes cartoriais, indícios, sinais que apontam para determinados acontecimentos que o profissional da área em questão se propunha a discutir enquanto fenômeno social.

Carlo Ginzburg (1991) se referiu a este novo modelo como um "paradigma indiciário", mais próximo do modo de trabalho dos investigadores criminais, dos psicanalistas, ou dos médicos que buscam compreender a doença através da análise intensiva dos sintomas por ela produzidos (GINZBURG, 1991, p.143-179). Com a Micro-História, as histórias de vida de indivíduos anônimos podiam adquirir especial interesse, mas não simplesmente para recuperar estas vidas anônimas, mas sim porque elas poderiam revelar aspectos menos evidentes de grandes processos ou acontecimentos históricos.

Em outras palavras, Ginzburg (1991), a partir dos seus estudos, buscou entender aqueles acontecimentos que anteriormente estavam à margem da história, levando-os para o centro, focalizando o uso dos documentos históricos, fossem fontes cartoriais ou da Igreja. Nesse campo da história cultural houve essa possibilidade de buscar novos indícios para a compreensão do social.

Na concepção de Barros, a Micro-História buscava "enxergar algo do Oceano a partir de uma gota d'água" (BARROS, 2011, p.154). Ou seja, a Micro-história partia dos acontecimentos menores, das relações cotidianas, que muitas vezes não tinham notabilidades no contexto do macro e que agora passaram a ser evidenciados pelo olhar do historiador. A "gota d'água" podia ser um indivíduo obscuro, uma pequena vizinhança, um ritual exótico, uma comunidade, uma festa em que práticas culturais e sociais, que antes não

encontravam respaldos nos objetos enfocados pelos estudos históricos, passaram a ser relevantes. O entrelaçado formado pelas vidas dos habitantes de uma pequena aldeia, ou mesmo um inventário mais cuidadoso de práticas sociais, bem como processos crimes que permitissem reaprender parte significativa de toda uma cultura mais ampla.

Na percepção de Levi apud Rosa (2007), a Micro-História deveria servir como um zoom³ em uma fotografia, em que o pesquisador observaria um pequeno espaço bastante ampliado, porém, simultaneamente, tendo-se em conta o restante da fotografia, embora não esteja ampliada, fazendo articulação dessas questões aos estudos históricos e as pesquisas com paradigma indiciário, na perspectiva de Ginzburg (1987). Podemos depreender agora que, conforme mostra Levi apud Rosa (2007) e Ginzburg (1991), o historiador que trabalhasse com acontecimentos micros, com realidades dos sujeitos mais locais, a Festa de Reis, por exemplo, partiria dessas realidades para entender o social e o cultural, na qual elas estivessem inseridas. Ou seja, ao eleger o local, o micro, como campo de análise não se pode abandonar as margens que ultrapassam o espaço local. Dessa forma, na Micro-história se escreve sobre os processos econômicos, vidas e tramas que geralmente perpassam o espaço local.

Não foi por acaso que os micro-historiadores, particularmente interessados nesta leitura intensiva das fontes e na apreensão de detalhes significativos que pudessem revelar algo que escapava da macro-história tradicional, tenham chamado atenção para a riqueza de determinadas fontes como os processos de inquisição e os processos criminais. Estas últimas, hoje, consistem em fontes relevantes para os estudos dos profissionais, o que permite estudar o social e o cultural a partir dos processos criminais e na forma como os sujeitos históricos estão consubstanciados neste ponto. Fontes como estas punham em diálogos inúmeros agentes sociais, através das figuras do

³ Levando em consideração a perspectiva da Micro-história, a expressão “zoom” vem referenciar ou comparar a pesquisa histórica em que o/a historiador/a estuda, aqui metaforicamente uma fotografia e toma como enfoque de estudo um pequeno espaço observado pelo pesquisador, mas levando em consideração o restante da fotografia, ou o espaço que compõe o evento pesquisado. Ou seja, partiremos da premissa de que, ao estudar acerca da Festa de Reis em Cabaceiras, se faz necessário buscar compreender ou manter, também, o enfoque na cidade onde se comemora essa festividade. Isto porque a história da festa inclui, também, a história da cidade.

réu, dos acusadores, das testemunhas e dos investigadores, que normalmente não teriam voz na documentação oficial.

Sendo assim,

A pesquisa micro-histórica tende a envolver-se cada vez mais com o privado, o pessoal, o vivido, além de uma relação cada vez mais estreita com a antropologia. Mostra ainda mais a representação de indivíduos de pequenos grupos e suas identidades, delimitadas experiências de vida, do que propriamente a ação desses indivíduos e grupos. Assim, cada objeto micro-histórico é sempre a possibilidade de si mesmo (ROSA, 2007, p.7).

É neste sentido que Carlos Ginzburg (1987), ao desenvolver suas pesquisas, tomou como aporte as questões Micro-históricas que envolviam a vida cotidiana dos sujeitos sociais.

Em sua obra, *O Queijo e os Vermes*, Ginzburg (1987) discorre sobre um moleiro condenado como herege pela Inquisição papal no século XVI. A história de Menocchio não é, no entanto, apenas um relato insólito e extraordinário de alguma personagem bizarra, embora ele seja também peculiar. Na lente de Ginzburg (1987) e dando curso a reflexões que se iniciaram antes desse trabalho, a análise do estranho caso de um moleiro perdido nos campos de uma Itália em luta contra o avanço protestante deu corpo a uma profunda reflexão sobre a escrita da história, suas dificuldades, desafios e possibilidades.

Deste modo, chamamos a atenção de que é possível recuperar e reelaborar a história do município, focalizado a partir das festividades, a exemplo, a Festa de Cabaceiras. É possível compreender o dado momento da história de Cabaceiras a partir da Festa de Reis, ou seja, perceber como era a sociedade da época, as relações culturais e sociais na sua juventude, através das falas das pessoas que vivenciaram essa festividade.

Ginzburg (1987) defrontou-se ainda com o desafio de reelaborar, ou reinventar, no terreno da cultura, as diferentes maneiras de enfrentamento entre cultura dominante e subalterna. Admitidos os dois níveis e afastada a possibilidade de uma assimilação direta da cultura dominante pelos populares, o mesmo encontrou em Mikhail Bakhtin a inspiração para a formulação do conceito de circularidade cultural. Sobre esse aspecto, para Ginzburg (1987), é possível saber mais sobre a cultura camponesa do período, consultando a obra

de Rabelais do que qualquer outra fonte, sendo esse o grande mérito do conceito de circularidade proposto por este autor.

Neste sentido, é possível entender a Festa de Reis, tanto nos documentos oficiais, elencados sobre a festividade, como a partir das falas das pessoas que vivenciaram a mesma, ou seja, utilizamo-nos do conceito de circularidade de Ginzburg (1987) para mostrar como a Festa de Reis era recepcionada pela elite, como também pela camada popular que faziam parte da realidade local.

No entanto, esse mérito também se configura como um limite, uma vez que os camponeses não falam por si, somente por meio das palavras de Rabelais, ou seja, a cultura popular ali expressa é uma leitura deste autor. A obra rabelaisiana seria, assim, para Ginzburg, um “filtro intermediário”, podendo deformar a cultura popular, não sendo mais que uma interpretação sobre ela. Deste modo, compreendemos que é possível interpretar a cultura popular em Cabaceiras, entendendo as maneiras como se consubstanciava a Festa de Reis naquele entorno, obtendo a possibilidade de compreender como a elite se posicionava com relação a essa festividade, mas, sobretudo, entendendo como as pessoas da camada popular, fazedores dessa festa e participantes dela, viam e entendiam essa a mesma.

Mas, é significativa a análise desses “filtros intermediários”, uma vez que podem revelar aspectos da cultura popular, que, em certa medida, foram desprezados por outras fontes. Entender os sentidos e a forma como a população cabaceirense se organizava a partir das festas nos possibilita compreender as evidências, os emblemas, os sinais que nortearam aquela festividade e que foi transfigurada, visto que a cidade teve notoriedade em outras localidades.

Ginzburg (1987) destaca que Bakhtin empregou o conceito de circularidade cultural para designar “o influxo recíproco entre cultura subalterna e cultura hegemônica” (GINZBURG, 1987, p. 20), ou seja, o conceito de circularidade cultural define que a cultura popular é dinâmica, tendo inclusive o potencial de influenciar uma cultura dita hegemônica ou de elite. Sendo assim, os saberes, as práticas, as construções sociais e culturais, elaborada pelas camadas populares, encontram também respaldo na elite, podendo se verificar esse fato, por exemplo, na Festa de Reis.

O conceito de circularidade, assim, pressupõe que elementos da cultura popular interajam e passem a compor a cultura hegemônica, sendo que a recíproca também é verdadeira, numa troca contínua. Esse conceito permite problematizar a influência mútua entre as manifestações populares e as hegemônicas, perceber a imprecisão de suas fronteiras, sugerindo, assim, um fluxo regular de permeabilidade entre elas. Permite abordar também a cultura de uma perspectiva social, privilegiando sua dimensão de complexidade e de diversidade de valores e sentidos. Partindo do princípio de circularidade, Bakhtin apud Ginzburg (1987) revelou a partilha de padrões e signos, a existência de uma intensa relação cultural de permuta contínua e permanente. A cultura, dessa forma, transita em vários sentidos, estabelecendo incessantes interações, determinadas por realidades históricas específicas. Ela não é “pura” e secularizada, estando em transformação ao mesmo tempo em que permanece em espaços e tempos definidos.

Queremos dizer que a cultura se reinventa, se reelabora e se ressignifica a partir de suas práticas, ou seja, as Festas de Reis de Cabaceiras, ao longo do período compreendido dos 30 anos, que fez parte do calendário da cidade, se reinventava a cada nova apresentação, seja no estilo de se vestir, das formas com que as pessoas circularam pela cidade, nas danças, etc.

Segundo Eric Hobsbawn e Ranger (2008), a tradição se reinventa com o tempo e por ela ser reinventada, móvel e dinâmica é que temáticas como festa, a exemplo da Festa de Reis, busca na reelaboração da tradição uma forma de permanência dos costumes da cidade.

Souza (2002) ao discutir acerca do modo como Ginzburg aborda cultura, nos enfatiza que:

Ginzburg tenta relativizar o pressuposto que as idéias dominantes numa época são necessariamente - ou somente - as idéias das classes dominantes e procura mostrar que tais “idéias dominantes” podem ser apropriadas e “recicladas” ganhando novas formas que não apenas aquelas que tentam manter status quo. Tais idéias sofreriam um processo de “filtragem” ou “reacomodação” nas esferas da cultura popular (SOUZA, 2002, p.58).

Tendo em vista as ideias evidenciadas por Souza (2002), mas, também com base em Ginzburg (1987), podemos perceber que a temática em questão, especificamente, a Festa de Reis em Cabaceiras, se trata de uma abordagem

que se baseia no recorte temático em um assunto bastante específico. Nesse recorte buscamos enfatizar a Festa de Reis a partir das histórias de cada um (a) dos (as) entrevistados (as) que participaram e conheceram essa manifestação cultural, procurando nesses personagens, antes anônimos, uma excepcional história social e cultural. Segundo Rosa (2007, p.1), a micro-história surge tornando possível a historiografia dos anônimos, dos esquecidos, buscando nesses elementos os pressupostos da história social e cultural, rompendo com a história positivista, tradicional.

A Festa de Reis no município de Cabaceiras, embora tenha uma perspectiva cultural popular, contém um processo de circularidade em que todas as camadas sociais participavam dessa festa desde a sua iniciação, obtendo, entre ambas as camadas, formas diferenciadas de se vestirem ou de se divertirem, até o momento em que se dava a festa quando as pessoas iam para as ruas prestigiar seus praticantes. Embora haja toda uma diferenciação na situação econômica, todos buscavam a beleza e o encanto que a festa proporcionava. Além disso, as danças, o reisado, as diversões, a comida compõem elementos importantes para fazer da Festa de Reis, uma das maiores comemorações de rua do Cariri paraibano.

De acordo com Brandão (1989), as festas de rua tiveram início há vários séculos devido às pessoas da camada popular não poderem frequentar grandes bailes medievais ou os conhecidos salões da Idade Média. Sendo assim, comemoravam os dias festivos nas ruas aos seus modos, dando origem às grandes festas populares. Com o passar do tempo, muitas desses eventos começaram a ser organizadas pelo povo, de forma coletiva, tornando-se tradicionais. Neles, a frequência das pessoas com poder aquisitivo maior era constante, apesar de que a camada popular organizava, de forma direta, essa festividade. Nessas manifestações culturais, a exemplo da Festa de Reis, a percepção segundo Ginzburg (1987), da circularidade cultural entre ambas as camadas era constante.

Grande parte das festas populares ou de ruas está envolvida diretamente com o catolicismo popular, sendo que as mais tradicionais tem a forte tradição ou costume herdado do período medieval, tais como: procissões, danças, cantos e quermesses. Todo este divertimento, envolvendo a população, é praticado na rua. Segundo Brandão (1989):

Alguns rituais do catolicismo popular fazem isso de uma maneira muito evidente e pode-se até dizer que eles não são outra coisa senão uma viagem entre casas por ruas e estradas. (...) De um certo modo, tudo o que acontece nos dias de festa é uma sequência de cerimônias regidas pela idéia de vagar pelas ruas e entra e sai de igrejas e casas, unificando com o rito justamente as polaridades que existem não apenas entre casas e ruas, mas entre também tudo aquilo de que elas são símbolos; o sagrado e o profano. (BRANDÃO, 1989, p.24)

Tendo como objetivo a preservação da memória de santos e lugares santificados, diversos costumes católicos estão presentes nas tradicionais festividades de rua, especificamente alguns aspectos dessas práticas, tais como: as caminhadas ou peças teatrais em frente à igreja, ruas, praças ou até mesmo no cemitério, fazendo com que as pessoas, de cada época vivida, obtivessem o sentimento de que estiveram no espaço de tais acontecimentos, possibilitando, dessa forma uma forte concretização da fé e pura emoção.

Nesta perspectiva, o conceito de circularidade utilizado por Ginzburg (1987) e de tradição por Hobsbawn (2008) vão ser a baliza para compreender a festa, permitindo evidenciar a Festa de Reis de Cabaceiras, tornando-se uma importante expressão da cultura local.

2.2- TRADIÇÃO DA MEMÓRIA LOCAL: A FESTA COMO EXPRESSÃO CULTURAL E LUGAR DE HISTÓRIA

Ora são remetidas como mero divertimento, ora como excentricidades da vida social ou mesmo como sobrevivência de certas tradições que fazem parte do contexto da festa, as quais são permanências de manifestações tradicionais, a festividade de reis. As festas recebem novas denominações de acordo com o lugar na qual elas se manifestam, ou seja, elas, obtiveram modificações constantes, seja nas vestimentas, no seu estilo, na musicalidade, na forma de organização durante o evento e até mesmo das pessoas que organizavam de acordo com o tempo e o espaço realizado dessa festividade.

Segundo Vovelle apud Couto (2005, p.2-3)

[...] assim como não há uma História imóvel, também não há uma festa imóvel. A festa na longa duração, assim como a podemos

analisar através dos séculos, não é uma estrutura fixa, mas um *continuum* de mutações, de transições, de inclusão com uma das mãos e afastamentos com a outra.

Dessa forma, com base na citação acima referida por Couto (2005), a festa tem formas obstinadas em que estruturas formais, mas também a flutuação dos elementos, que podem desaparecer, uma vez que outros novos podem ser incorporados, podendo existir até mesmo a possibilidade de ressurgimento daqueles que foram abandonados ou esquecidos. Sendo assim, tomando como paralelo a Festa de Reis em Cabaceiras, as modificações ocorridas nessa festividade possibilitou com que a mesma não se fixasse numa estruturação apenas, mas com o transcorrer do tempo, obteve novas modalidades, tais como: as vestimentas, o transcurso do cortejo real, a musicalidade, a organização etc.

As folias permaneceram, por muito tempo, quase que exclusivamente como objeto de estudo de folcloristas e memorialistas, porém, pode-se dizer que vem ocorrendo uma grande multiplicação de trabalhos científicos que tomam tais fenômenos objetos de análise. Haja vista que hoje, como objeto de observação, a festa pode nos fornecer subsídio para a compreensão da história dos sujeitos, da cidade, de um lugar a partir do referido ato de diversão, no intuito de perceber como os sujeitos praticavam e percebiam o contexto de vida. É como nos enfatiza Alaíde Meira de Sousa (2011), (**Anexo 6**) quando discute acerca da Festa de Reis na sua juventude:

Era uma festa muito bonita. Lembro que todas as moças e os rapazes se preparavam pra ir pra festa. Lá agente percebia que era muito organizado, tinha a missa, depois a procissão e a festa com o cordão azul e o encarnado. Agente brincava muito nos brinquedos que vinham para alegrar a festa. Tinha também o arremate de galinha. Tinha também os recadinhos pra as pessoas que estava na festa. Era muito divertido (ALAÍDE MEIRA SOUSA, 2011).

Tomando como aspecto a fala de Alaíde Meira de Sousa (2011), acima remetida, percebemos que a partir de cada entrevistado/a há possibilidades de enxergar como era a Festa de Reis no olhar de quem conta e como é possível estabelecer uma relação entre o dizer dos sujeitos que participaram dessa manifestação com a história da cidade, onde era praticada.

Segundo Leonel (2010, p.36) concomitante à tomada das festas como objeto de estudo pelas ciências sociais e humanas, ocorreu um quadro de mudança substancial nas suas formas de abordagem: sua análise se politizou, colocando-se tais manifestações como formas fundamentais de sociabilidade e palco do desenrolar de conflitos e de tensões sociais.

Em Durkheim apud Santos (Santos, 2008, p.4), três elementos já podiam ser visivelmente verificados nos estudos sobre a festa: a transgressão das normas sociais; a coesão do grupo social e a produção de um estado de efervescência coletiva. Em *Festa e Civilizações* (1983), Duvignaud, remete que o objeto de exame é um componente central na vida social, em que pesem suas peculiaridades e contornos, pois as pessoas se organizam em festividade, a exemplo de batizados e festas de rua.

As festas constituem um campo fecundo para se pensar a sociedade nas suas continuidades, em seus movimentos de transição, de vaivém, marcados por rupturas. A análise do fenômeno social festivo nos permite o trânsito por territórios da vida coletiva no seu nível mais elementar, ou seja, nas estruturas de formação dos próprios vínculos sociais, pois permite que a sociedade entre em uma relação consigo própria, diferente daquela ordinária, desempenhada em sua rotina. Ao romper com o hábito, a festa mostra-se capaz de, paradoxalmente, produzir o próprio cotidiano e o inédito como atos de produção do próprio vínculo social, num processo dialético de caos e ordem, produtor da própria vida em sociedade.

De maneira particular e expressiva, uma festa apresenta em sua essência a força simbólica. Aspectos como a socialização, o mágico, o lúdico, o lado emocional, permitem pensá-la a partir do olhar de seus próprios portadores.

Percebido como um acontecimento coletivo, ela perpassa o sentido da comemoração e busca aliar os laços afetivos e sociais. Nesta perspectiva, a mesma não é vista apenas como um espaço de lazer, mas como um lugar de sociabilidade que inclusive cria relações de afetividade e socialização, sendo isso o que acontece em nosso caso estudado. Desse modo, a religiosidade faz com que haja uma proximidade entre pessoas e lhe dão um significado de comunidade. Por apresentar a Festa de Reis um caráter religioso, ela

congregava muitas pessoas tanto pelo aspecto sacro como também pelo aspecto profano.

Segundo Santos (2008), o caráter de ascendência espiritual perpassa pela celebração do sagrado e dá à festa um caráter ideológico, capaz de manter coesos interesses e vivências díspares. Sendo assim, os sujeitos tornam-se uníssonos através de práticas culturais que rompem as ações do cotidiano. São exemplos dessas práticas: dançar, cantar, fazer promessas, romarias, procissões e festas profanas (embora que as promessas e romarias não foram praticadas na Festa de Reis, elas estavam presentes nas demais festividades tradicionais em Cabaceiras). Os indivíduos tornam-se, então, uníssonos no sentido de que um grupo social praticante de uma festa se organiza em função da mesma, inclusive elaborando as músicas, danças e roupas.

A festividade em debate é o momento de coesão e, com base em Ginzburg (1987), percebe-se que se observa a circularidade cultural a partir do fato de que as pessoas da elite e da camada popular se entrelaçavam no contexto da festa, apesar de que esta última esteve sempre à frente da organização. Entretanto, a reinvenção da tradição dessa festividade, em consonância com Hobsbawm e Ranger (2008), fez com que a elite participasse mesmo como apreciadores ou doadores, tornando-se pertencentes, mesmo que indiretamente, dessa cultura que é a Festa de Reis, havendo trocas de culturas entre uma camada e outra.

Relacionada ao trabalho, a festa seria percebida como o “bálsamo da lida temporal programada, a fuga da fadiga, da opressão” (SANTOS, 2008, p.5). Esta escapada torna-se visível na medida em que trabalhadores rurais e urbanos deixam, por alguns dias, sua lida e passam a se dedicar na organização da festividade, onde o rei e a rainha deixam à margem o papel de agricultor/a e passam a ser ou ter a sua volta o dado prestígio, ficando soltos de quaisquer amarras. Assim, as personagens se sentem envolvidos, transitando do aspecto profano à glorificação religiosa.

É dessa forma que na Festa de Reis, quem participava dela, se sentia protagonistas, já que cada personagem adquiriu tal importância que deixava de ser trabalhadores do campo para serem rei e rainha, tendo a população, por sua vez, o papel dos súditos que os prestigiavam. A alegria e o movimento dos

cabaceirenses, então, resultavam da mistura de gente e de seus respectivos códigos, signos e sinais que denotavam da Festa de Reis, virtualizados no conjunto de vivências e emoções que criam um corpo coletivo.

De um modo geral, percebe-se aqui que a festa, vista sob a ótica da dinamicidade e da multiplicidade, caracteriza diferentes sentidos da vivência cotidiana, que muitas vezes está na essência de sua realização. As celebrações festivas condensam e expressam a vida dos agentes sociais e históricos, tanto no âmbito da sociedade como também da economia, da política e da cultura (SANTOS, 2008,p.6).

Quando se refere à significação de sua participação na festança como agente protagonista, Ademar Francisco de Oliveira (2011) destaca:

Significa pra mim uma coisa muito importante, por que eu estou fazendo uma coisa muito bonita para a cidade. Um costume que não devia acabar não. As pessoas naquele tempo gostava e eu até me sentia importante (risos). Vinha gente de fora pra assistir a gente. Era bom. Que pena que acabou, né (ADEMAR FRANCISCO DE OLIVEIRA 2011).

Dando ênfase ao dizer do Sr. Ademar Francisco de Oliveira (2011), acima remetido, percebe-se o quanto a Festa de Reis torna-se necessária para cada integrante que compunha essa festividade na medida em que as pessoas que iam fazer parte dessa manifestação enxergavam na população o papel dos súditos que os apreciavam.

Partindo desses fatos, a Festa de Reis em Cabaceiras expressa a vida dos agentes sociais, dando ênfase na economia e na cultura⁴, pois essa festividade possibilitou que a cidade obtivesse um melhor reconhecimento e uma maior valorização pelos próprios cabaceirenses. Também, a notoriedade da festa permitiu que pessoas vindas de outras localidades, desde a circunvizinhança, até mesmo os visitantes de regiões diferentes, consumissem esse produto denominado festa, admirando a cada dança, canto e vestimentas dos que participavam, mostrando a cultura presente nessa manifestação.

⁴ Não é nosso propósito traçar uma análise econômica nesse trabalho, mas destacar que a festa tornava-se um incremento econômico para a cidade, haja vista que eram diversas pessoas que viam prestigiar essa festividade, desde os que pertenciam à circunvizinhança, como os que eram de outras localidades, tais como: Rio de Janeiro, São Paulo etc. No aspecto cultural era uma expressão da cultura, especificamente afro-brasileira.

Reinventada no decorrer do tempo, segundo Hobsbawn e Ranger (2008), a partir da mudança do percurso da condução do cortejo, da musicalidade, etc.

No aspecto econômico, esse evento comemorativo alavancou, pela presença dos turistas e do próprio consumismo da população local, a cultura, pondo em destaque a Festa de Reis como o evento preponderante no reconhecimento de uma das tradições mais importantes e marcantes na Paraíba.

Porém, antes mesmo da Festa de Reis ter fincado suas raízes em Cabaceiras, faremos uma breve análise acerca de seus primórdios, especificamente em Portugal, apresentando os antecedentes históricos que a dimensionam.

Partindo desses pressupostos, desde os séculos XV e XVI, os negros já se congregavam nas irmandades de Nossa Senhora do Rosário em Portugal. Inicialmente, a devoção à santa era realizada somente pelos brancos e se tornou popular com a famosa batalha de Lepanto em 1571, em que a vitória dos cristãos sobre os mouros foi de certa forma, atribuída à proteção da virgem (VOLPATTO, 2009, p.2).

Segundo alguns estudiosos, os padres dominicanos portugueses utilizaram da imagem dessa santa para catequizar os povos africanos em pleno continente, fazendo a relação sincrética da Virgem do Rosário com o Orixá Ifá, do Panteão Mitológico, que era o oráculo dos seres humanos e mesmo dos outros deuses e possuía um colar de sementes de palmeiras que foi associado ao Rosário de Maria.

Volpatto (2009) enfatiza que os religiosos portugueses não perdoaram os dominicanos pelo fato de permitirem que os negros tivessem suas próprias confrarias religiosas. Classificavam os escravizados como bárbaros inclinados à bebida e ao furto, que usavam as festas para preservar os usos de sua terra de origem, sem ouvir missas e pregações. Os negros que chegaram a Portugal fundaram associações secretas, nas quais elegiam reis e rainhas para rememorar os reinados existentes em seus países de origem.

Em 1496, o rei de Portugal, D. Miguel, já se referia à “Confraria dos Pretos”, fato que nos fez acreditar que os negros, em terras lusitanas, aceitaram o catolicismo como forma de tentar manter, através do sincretismo religioso, as suas devoções. Com as irmandades religiosas, que eram

compostas basicamente por cativos,, os soberanos negros passaram a ser eleitos nessas agremiações. As confrarias dos homens brancos tinham a missão de administrar os sacramentos, prestar assistência social, etc., enquanto as dos negros e mulatos tinham uma tarefa muito maior: a manutenção de sua identidade cultural.

No Brasil, a devoção a Nossa Senhora do Rosário veio através dos primeiros escravos, especificamente para Minas Gerais, onde as comemorações tinham uma maior projeção.

Essa devoção por Nossa Senhora do Rosário fincou raízes também na Cidade de Cabaceiras, na segunda metade do século XIX. Segundo Almeida apud Cabaceiras (Cabaceiras, 2010) a igreja de Nossa Senhora do Rosário foi construída no ano de 1860, a mando do Major João Ferreira Guimarães e de sua esposa Ignácia Thereza de Jesus, vindo os mesmos a serem sepultados, anos mais tarde, na referida capela. O Major Guimarães era senhor de muitos escravizados e também da Fazenda Passagem.

Os escravizados alforriados, domésticos e do eito da secular Fazenda Passagem, faziam suas festas religiosas na capela mencionada, surgindo, dessa forma, a tradicional Festa de Reis. A efetivação dessa festividade deu-se em função de os escravizados não obterem a permissão de adentrar na igreja matriz, Nossa Senhora da Conceição, por esta ser restrita aos brancos, possibilitando, assim, com que o Major Guimarães e sua esposa abrissem espaço para que os escravos realizassem suas festas religiosas, fazendo com que a Festa de Reis permanecesse importante culturalmente para a cidade até os dias atuais. Assim,

Nesta festa os escravos se tornavam donos de si e escolhiam o seu rei e a sua rainha, durante três dias. Estas festividades continuaram também depois da abolição da escravatura (CABACEIRAS, 2010, p.1).

Dando ênfase nessas manifestações sincréticas, Antonil (1982) enfatiza a importância dessa festividade, em termos de controle social e ideológico.

Negar-lhes totalmente [aos escravos negros] os seus folguedos, que são o único alívio do seu cativo, é querê-los desconsolados e melancólicos, de pouca vida e saúde. Portanto, não lhes estranhem os senhores o criarem seus reis, cantar e bailar por algumas horas

honestamente em alguns dias do ano, e o alegrarem-se inocentemente à tarde depois de terem feito pela manhã suas festas de Nossa Senhora do Rosário, de São Benedito e do orago da capela do engenho (ANTONIL, 1982, p.43).

Para alguns estudiosos, a exemplo de Antonil (1982), a Festa de Reis, especificamente o reisado, tornou-se uma maneira de os senhores controlarem os escravizados, fazendo com que essa festividade fosse o apaziguamento nos conflitos entre os senhores e os mesmos. Após a abolição da escravatura, essa manifestação funciona como a permanência das tradições dos nossos antepassados, como também da história da própria cidade, haja vista que a história de Cabaceiras vincula-se à história da Festa de Reis, pois, a cidade em si torna-se um complexo e atraente espaço do fazer histórico. Ambiente de risco e ousadia que firmaram os mais diversos e surpreendentes projetos culturais (REZENDE, 2001, p. 48)

A cidade e a festa são elementos primordiais e permanentes para que os seres humanos se encontrem e alcancem os mais altos níveis de cooperação, criação e solidariedade. É nesta perspectiva, que Cabaceiras torna-se um lugar onde afloram histórias e lembranças, pois se configuram como lócus de intensa sociabilidade. As marcas destas relações tecidas por seus cidadãos, ou melhor, quem viveu e lembra-se da Festa de Reis, se inscrevem nas paisagens dessa cidade.

A Festa de Reis, além do cortejo real, começa a ganhar “corpo”, entre 1930-1960. Sua estrutura dá início a um “show” de cultura, onde pessoas da própria cidade buscavam, em cooperação umas com as outras, organizar a festa de maneira que o público se encantasse em cada movimento, toque, riso e detalhe. Como não se lembrar de pessoas que fizeram dessa festa uma das mais conhecidas em toda região paraibana (CABACEIRAS, 2010, p.2).

Para que ela pudesse ser colocada em prática, era preciso que a população cabaceirense se empenhasse em ajudar na organização. Diversas pessoas buscaram contribuir de forma direta ou indireta para a preservação desse patrimônio religioso e cultural. Como exemplo, podemos citar: Ozanildo Cavalcante de farias, Hermenegildo Castro (seu Gida), João Araújo (João de Romão), “Zé de Liu”, contribuindo com doações, como também, ornamentando a Igreja do Rosário.

Como sozinhos não poderiam estruturar a festividade, era necessário que mais pessoas fossem incluídas no ambiente dos colaboradores dessa festa. Porém, é necessário observar que havia aquelas pessoas que participavam da Festa de Reis como agentes protagonistas, outros ajudavam a através do apoio na organização da igreja, nas doações, nos bingos e venda de produtos. Dessa forma, não poderíamos deixar à margem dessa história Euflauzina Mariano (Lauzinha), Severina Macêdo (Niniha) e Terezinha de Doutor Nunes, já que foram as que contribuíram, vendendo cartelas de bingos para arrecadar dinheiro em prol da brincadeira.

No cortejo real, o reisado tornou-se um dos momentos mais esperado. Após a missa, dava-se início à coroação do rei e da rainha em frente à igreja. Essa festa, por ser uma manifestação religiosa, era aclamada por todos que participava, seja direta ou indiretamente, tanto o era que havia uma celebração eucarística em que a diocese local participava, ficando à frente da Capela de Nossa Senhora do Rosário, dando início à procissão. Tendo findado a procissão, principiava-se, assim, o momento do espetáculo cultural com a dança do Coco, tendo a participação de “João Preto”, que também caminhava pelas casas com os tocadores de pífanos, Pedro Batista e “Zé Caçote” arrecadando o dinheiro para a igreja. Nesse momento das danças iniciava-se o lado profano, no qual o lazer e a diversão eram constantes.

Segundo a história oral, uma das maiores festas de Reis de Cabaceiras foi a coroação de João da Caridade e Mãe Rita, realizada no dia seis de Janeiro de 1861, em frente a capela Nossa Senhora do Rosário da Villa Federal de Cabaceiras, na presença do Major João Ferreira Guimarães, de sua esposa Dona Ignácia Thereza e filhos, como também diante do olhar curioso do então Intendente do município, o Capitão Tito Carneiro, que quebrando protocolos, reformulando conceitos e banindo preconceitos, ao lado do Padre Renovato Pereira Tejo, assistiu a grande e bonita festa do Reisado [...] (CABACEIRAS, 2010,p.1).

Na Festa de Reis em Cabaceiras, o pastoril⁵ torna-se um aspecto cultural muito importante. Entre os anos 30 e 60 do século XX, o pastoril era um atrativo para as pessoas que participavam da festa, fazendo da disputa entre os cordões azul e vermelho (encarnado), uma maneira de conseguir

⁵ Folgado popular que acontece/ acontecia entre o Natal e a festa de Reis, em tablado ao ar livre, onde aparecem algumas figuras femininas que dançam: as pastoras ou pastorinhas.

recursos para a igreja, especificamente nas arrematações de galinhas e bingos.

Evanilda de Lima Silva era uma das organizadoras da festa, especificamente do pastoril, conseguia arranjar desde roupas, danças e até músicas, fazendo com que pessoas que estivessem apreciando esse momento buscassem observar a importância da Festa de Reis, como também da cultura cabaceirense. Sua jornada nessa festividade perdurou 13 anos, possibilitando, assim, a entrada de Maria do Socorro Gomes de Lima na organização do pastoril, até os dias atuais. Ao destacar a sua participação como organizadora do pastoril, Maria do Socorro Gomes de Lima (2011) destaca

Depois de Evanilda eu dei continuidade com pastoril na festa. Tenho vinte anos de pastoril. [...] Antigamente o pastoril utilizava apenas de moças para participar desse evento, em que a Diana⁶, as pastorinhas eram participantes. Hoje é mais organizado. Nas músicas tínhamos como acompanhante na música o sanfoneiro (MARIA DO SOCORRO GOMES DE LIMA, 2011).

A partir da discussão da Sra. Maria do Socorro Gomes de Lima (2011), observa-se o quanto o pastoril era importante e fazia parte do “quebra cabeça”, que era a festividade. Apesar da forma diferenciada como é organizado hoje, não faz da preparação anteriormente utilizada uma estruturação sem perfeição. Pelo contrário, a maneira como os organizadores preparavam a festa fazia com que todas as reparações aparentassem perfeitas.

Assim, a Festa de Reis, através de toda a organização, tornou-se uma abolição provisória de todas as hierarquias, pois possibilitava que os participantes dessa festividade colocassem à margem o trabalho do campo para buscar um tempo de lazer, diversão, do cômico. Sendo assim, “para que haja a festa, são necessários elementos do espírito, de transcendência do mundo das idéias e dos ideais. Eles devem preponderar para que se alcance o clima de festa” (FERNANDES, 2004, p.57).

Levando em consideração a organização da festividade, Dona Alaíde Meira de Sousa (2011) destaca:

⁶ Personagem do pastoril em que ficava entre o cordão azul e o vermelho.

Algumas pessoas, que era geralmente os jovens, com o padre organizavam a festa. Uns se encarregavam de organizar a missa, outros de trabalhar no arremate de galinhas e alguns com o arrecadamento de dinheiro pra igreja. Oxe! Era muita gente, Todo ano chegava gente nova pra ajudar na festa (ALAIDE MEIRA DE SOUSA, 2011).

Dando ênfase à consideração feita por Dona Alaíde Meira de Sousa (2011), podemos perceber o quanto na Festa de Reis em Cabaceiras havia uma forma inteligente de organização, em que a socialização entre os organizadores fazia com que essa festividade fosse a causadora do avanço que Cabaceiras obteve. É uma forma capaz de plasmar conteúdos diversos e destinados à promoção de laços de sociabilidade.

A organização partiria de cada grupo formado, ou seja, cada um ficaria encarregado em cumprir com a coordenação do evento, uns na ornamentação da igreja e no cortejo real ou Reisado, outros no pastoril e na arrematação de galinhas. Alguns, ainda, no espaço de lazer, proporcionando um momento de diversão para os cabaceirenses e os que viam prestigiar a festa. Como enfatiza Ademar Francisco de Oliveira, último rei da Festa de Reis (2011):

Comadre Terezinha começou com agente a organizar, junto com outros e o padre. Depois Dona Estela, nesse momento a gente saiu trajado, eu como rei e minha mulher como rainha. Por fim, veio Dona Maria de Zina e um monte de gente aí. Essas mulheres que eu falei organizavam o reisado. Tinha os demais que organizava a Festa em geral (ADEMAR FRANCISCO DE OLIVEIRA, 2011).

Tomando como base de discussão a fala do Sr. Ademar Francisco de Oliveira (2011), é necessário observar que a organização se fazia presente dando uma maior notoriedade à festa, uma vez bem preparada essa manifestação propiciava um maior número de pessoas que buscavam prestigiá-la. Neste caso, o último rei vem mostrando a organização do cortejo real ou do reisado propriamente dito.

Essa festança proporcionou para Cabaceiras um desenvolvimento cultural imenso, possibilitando que a cidade fosse vista a partir de um ângulo antes não observada. O turismo, por exemplo, fez e faz com que Cabaceiras, hoje denominada de “Roliúde Nordestina”, tivesse reconhecimento por suas riquezas naturais e festivas. Atraiu, além disso, os turistas de tal forma que a cultura local tornou-se a de quem visita essa cidade.

A cidade brasileira, como um fantástico "híbrido sociológico que funciona de maneira singular", foi e é o lugar das festas, promovendo uma incessante mistura de pessoas, códigos, trocas e transações econômicas, cindindo de um lado e unindo de outro (LEONEL,2010,p.40)

Essa mistura, a qual discute Leonel (2010), nos faz pensar que as festas, de uma forma geral, proporcionam um encontro de diversas culturas dentro de um espaço (a cidade de Cabaceiras), ocorrendo a troca cultural, onde o encontro com a diversidade de pessoas é intensa. A festa ocasionou uma sociabilidade que perpassou as práticas privadas e públicas no espaço urbano. Ou seja,

[...] a festa encenada no palco da cidade brasileira promoveu o encontro com a diversidade de pessoas e com a variedade de coisas, inventando hierarquias às avessas, concomitantemente ao fornecimento do cenário para os conflitos, dissimulações, negociações e hierarquizações um tanto mais reais. Tais conflitos, socialmente subjacentes à existência das práticas festivas, fizeram dos tempos de efervescência coletiva momentos de apropriação do cenário público, de usos do espaço e de domínio, mesmo que passageiro, da rua. A festa, com seu caráter dialético transitório-rotineiro, introduziu elementos persistentes em nossa sociabilidade, perpassando e alinhavando as práticas privadas e públicas nos espaços urbanos. (LEONEL,2010,p.41)

No que diz respeito ao aspecto econômico, os turistas possibilitavam uma nova maneira de desenvolvimento de Cabaceiras, haja vista que as necessidades de trabalho aumentavam e, conseqüentemente, seus habitantes utilizavam disso para trabalhar, gerando transações econômicas dentro da própria localidade.

Quando discutidas a importância da festa para o desenvolvimento da cidade, Ademar Francisco de Oliveira (2011) nos enfatiza:

Cabaceiras era um lugarzinho pobre, sem nada. Depois desses festejos, a cidade começou a se arrumar. Tinha umas casas solta por lá. Existia caminhão e automóvel, mais pra ir pra festa agente ia a pé mesmo. No meu tempo, não tinha lojinha, banco. Tinha só a prefeitura, o correio e pronto. Agente conseguiu fazer aumentar a cidade (ADEMAR FRANCISCO DE OLIVEIRA, 2011).

Dando ênfase na fala do Sr. Ademar Francisco de Oliveira (2011), podemos observar que o crescimento da cidade relaciona-se diretamente a toda uma organização ou interação dos partícipes da Festa de Reis, pois pessoas vinham em busca de conhecer essa festividade como também visitar o local, fazendo com que a mesma ganhasse (re) conhecimento em todo o Brasil.

O desenvolvimento de Cabaceiras, a partir da Festa de Reis, foi estabelecido não apenas pelas pessoas que vinham de outras localidades, trazendo consigo uma maior abertura de empregos a partir da necessidade da cidade, ou pelas trocas constantes de culturas, mas pela união de cada Cabaceirense, na busca de alguns dias de alegria e lazer, como também em reviver suas tradições, gerando, assim, uma maior sociabilidade.

Dessa forma, a cidade e a festa são elementos primordiais de uma tradição que foi construída histórica- culturalmente, mas que hoje ele é pouco visada. É importante para o nosso trabalho coletar, a partir das entrevistas, as informações necessárias acerca da Festa de Reis, pois através delas podemos mostrar aos leitores o quanto Cabaceiras tornou-se o palco para o grande espetáculo, que seria esse evento.

3 - FESTA DE REIS EM CABACEIRAS: ESPAÇO DE SOCIABILIDADE E TESSITURAS DE HISTÓRIA DE VIDA

Neste capítulo discutiremos acerca da Festa de Reis de Cabaceiras na perspectiva das pessoas que participaram dela, ou, cujos ancestrais (pai, irmãos, etc.) vivenciaram esse contexto. Dessa forma, nosso intuito é traçar uma trajetória do ponto de vista dos seus protagonistas, destacando quem eram o rei, a rainha, como era organizada essa festividade, enfatizando as vozes que muitas vezes foram silenciadas pela história com relação a essa festa.

3.1- MEMÓRIAS DO COTIDIANO DA FESTA DE REIS: NARRATIVAS HISTÓRICAS DE SEUS PROTAGONISTAS

Neste item abordaremos acerca da cidade, fazendo uma trajetória histórica da mesma no período elencado para o estudo. Porém, antes, faremos uma incursão histórica dos antecedentes da cidade.

Na segunda metade do século XVII, mais precisamente no ano de 1670, o baiano Antônio de Oliveira Ledo, funda, juntamente com outros civilizados, a vila de Boqueirão na serra Carnoió, sendo eles, os primeiros colonizadores que chegaram ao atual município de Cabaceiras (CABACEIRAS, 2009, p.1).

No decorrer do tempo surgiu uma história que se transformou em lenda de que o mulato e vaqueiro da casa da Torre, capitão Pascácio⁷ de Oliveira

⁷ Seu nome, Pascácio de Oliveira Ledo, por muito tempo, foi confundido por Pascoal de Oliveira Ledo, seu parente.

Ledo, sobrinho bastardo de Antônio de Oliveira Ledo, apaixonou-se por uma moça baiana de família tradicional e preconceituosa, comum na época. Segundo Cabaceiras (2009), a donzela referida era filha de criação ou sobrinha de um fidalgo de Tatuapara. Como seus familiares não desejavam essa união, resolveram fugir a cavalo, porém, os cães da fazenda denunciaram, com seus latidos, a premeditada fuga. Tendo percebido tal ação do casal, a família acendeu archotes⁸ e saíram em perseguição dos mesmos.

Conseguindo atingir a margem direita do rio São Francisco, Pascácio de Oliveira Ledo, junto com sua amada, alcançaram o outro lado, porém, enfatiza Cabaceiras (2009),

Diz ainda a lenda que neste momento, por haver um elevado número de pessoas na beira do rio, Pascácio disse para os curiosos que ia levar um tição aceso que seria levantado bem alto. Se não apagassem, era porque teria alcançado a outra margem do rio. Caso contrário, ou seja, se ele apagassem era o sinal de que teriam morrido afogados. [...] Chicoteando o seu cavalo, entrou na água com a doce amada na garupa e quando se encontrava no meio rio, deixou cair o mencionado tição. Horas depois, quando os perseguidores que vinham em seu encalço, chegaram, deram-lhe a notícia de que o casal de namorados havia sido tragado pelas águas barrentas do Velho Chico (CABACEIRAS, 2009, p.1).

Atravessado o atual estado de Pernambuco pela Ribeira do Moxotó, escalaram os contrafortes da serra da Borborema, chegando até Boqueirão, em que se encontrava estruturado o seu tio, Antônio de Oliveira Ledo, que lhe deu ajuda. Mas a partir da descoberta da verdade, os familiares da moça não quiseram impedir a aliança entre os jovens porque os Oliveira Ledo eram, na Paraíba, grandes latifundiários, portanto bastante ricos.

Antônio de Oliveira Ledo, seu tio, doa terras devolutas, terras estas que adentravam pelo rio Taperoá, uma légua após Boqueirão, estabelecendo seus currais de gado. Por volta de 1736, Pascácio vende uma parte da fazenda Cabaceiras ao capitão Antonio Ferreira Guimarães e a outra ao tenente Domingos de Farias Castro, ambos seus Genros. As terras que coube ao tenente Farias Castro chamava-se Bertioga e a outra, Passagem, que pertenceu ao capitão Ferreira Guimarães.

Segundo Cabaceiras (2009),

⁸ Facho breado: que se acende para iluminar.

O Tenente Farias Castro e o capitão Ferreira Guimarães tiveram uma idéia, em que ambos saem das terras que pertencem aos mesmos, e onde se encontrassem construiriam uma Capela, denominada de Capela Nossa Senhora da Conceição, matriz do município (CABACEIRAS, 2009, p.3).

Dessa forma, a povoação elevou-se à categoria de Vila com a designação de Vila Federal de Cabaceiras, segundo Cabaceiras (2009), pela resolução do Conselho do Governo, de 21 de julho de 1834, confirmada por Lei Provincial nº 11, de 04 de junho de 1835, tendo sido instalada no dia 31 de agosto do mesmo ano. Em 15 de novembro de [1938](#), foi-lhe dado o título de cidade.

3.1.1- MAPEAMENTO DE CABACEIRAS ENTRE NOS ANOS DE 1930 A 1960

Partindo desta breve historicidade sobre o surgimento e emancipação da cidade de Cabaceiras no contexto desta pesquisa, a partir de 1930 a 1960, observamos os contornos e paisagem da cidade. Verificamos que neste período a cidade tinha poucas casas, o que podemos denominar de uma pequena vila. Severina dos Santos (2011) nos enfatiza:

As casas eram poucas. Lembro que a cidade começava na rua que conhecemos como a rua da “SUDENE” até no que hoje nomeamos de o mercadinho de Ari. As casas eram distantes uma das outras e não eram construídas como as de hoje, de cimento e tijolos. Não existia calçamento também (SEVERINA DOS SANTOS, 2011).

Levando em consideração a descrição feita por Severina (2011) acerca das casas do século XX de Cabaceiras, especificamente entre as décadas de 30 e 60, podemos perceber que as moradias eram construídas diferentemente de hoje, possivelmente de barro, algo comum neste período. Pela descrição havia apenas uma “avenida”, em que as casas eram construídas próximas uma das outras. Além da falta de calçamento, o que fazia com que os cabaceirenses convivessem com o chão batido, sem nenhuma pavimentação.

O correio também fazia parte da estrutura cabaceirense e tinha como função a comunicação entre as pessoas, seja para namorar, para amenizar

saudades entre parentes, etc. De acordo com Severina dos Santos (2011), ao destacar acerca do correio em sua lembrança nos remete **(Anexo 7)**:

Existia sim o correio. Me lembro que Dona Ritinha comandava o correio aqui em Cabaceiras na minha época. Como eu gostava de ler e escrever, sempre gostava de mandar cartas para os familiares, até mesmo porque a única forma de se comunicar com outras pessoas, nessa época, era por cartas (SEVERINA DOS SANTOS, 2011).

Tendo como baliza a fala de Severina dos Santos (2011), podemos enfatizar que o correio amenizava a saudade entre as pessoas, além de possibilitar a comunicação que havia entre elas, embora que fosse demorada. Essa comunicabilidade acarretava, também, uma maior aproximação entre as pessoas, fazendo com que as cartas fossem um vínculo nas relações de proximidade entre namorados, amigos, familiares, etc.

No que concerne às instituições escolares, a cidade possuía a escola estadual Alcides Bezerra construída em 1936, considerada a mais antiga instituição escolar da cidade. De acordo com Ademar Francisco de Oliveira (2011):

A escola Alcides Bezerra foi construída em 1936 e pelo que sei aqui em Cabaceiras é a mais velha das escolas que tem por aqui. Lembro que o Alcides tinha muito aluno e todos eram bem arrumados. Usava umas fardas bem bonitas, branco com azul (ADEMAR FRANCISCO DE OLIVEIRA, 2011).

Tomando como premissa a discussão acima, podemos perceber que o vínculo educativo era presente na cidade, em que a quantidade de alunos/as era de uma proporção considerável. Além disso, a escola Alcides Bezerra proporcionou uma visão educativa maior, levando em consideração a perspectiva de que todo o alunado obtinha o fardamento, símbolo do respeito e do cumprimento do dever de cada um diante da educação cabaceirense.

Foram construídas outras instituições escolares, a exemplo da Abdias Aires de Queiroz, esta, estruturada em meados da década de 70 do século XX, e o Neuly Dourado, em 1979, especificamente no mês de julho, ambos da rede municipal. Severina dos Santos (2011), ao se referir sobre a escola Neuly Dourado, destaca:

Fui diretora do Neuly há mais de 40 anos, gostava de está a frente de toda a organização da escola. Quando abriu as inscrições para estudar no Neuly se inscreveram mais de 70 alunos [...]. Fiquei muito admirada com isso. Achei que não tinha tanta criança assim (risos) (SEVERINA DOS SANTOS, 2011).

Dando ênfase à discussão apresentado pela Sra. Severina dos Santos (2011), observamos o quanto a escola Neuly Dourado representa grande importância para a história de Cabaceiras e para aqueles que construíram a cidade a partir dos seus feitos, a exemplo da experiente gestora da escola municipal em questão.

Outro aspecto que merece importância, ao analisarmos a estrutura cabaceirense em meados das décadas de 30 e 60, é o mercado central. Sua função principal era proporcionar para Cabaceiras um incremento no comércio a partir da compra e venda de produtos, tais como: carne, frutas, legumes, etc. Além dessa função, o mercado tornava-se um meio de diversão para os cabaceirenses, a exemplo da própria Festa de Reis, em que os pífanos tocavam durante dias para comemorar essa festividade, aliando-se ao comércio, uma ótima conciliação para a cidade. Dando ênfase a essa discussão, vejamos:

Me lembro como se fosse hoje o mercado era animado no tempo da Festa de Reis. Vinha os pífanos para tocar os dias da festa. Era muito bom. Eu gostava de ver os tocadores tocando e o povo dançando. Era muito animado, divertido até de mais (risos) (ALAIDE MEIRA DE SOUSA, 2011).

Durante toda a sua conversa, a Sra. Alaíde busca lembrar momentos antes vivenciados na sua juventude, tomando o mercado como um espaço propício para sua diversão, mesmo que esse momento de entretenimento fosse na qualidade de espectadora.

Os currais de gado ao redor da cidade eram outro aspecto bastante comum, principalmente entre 1930 e 1960, pois os donos de gado, que moravam em nossa cidade, buscavam na criação bovina, uma forma de subsistência, embora a de caprinos fosse e ainda continua sendo a economia da cidade. Os apriscos ficavam ao redor da cidade, deste modo, por motivos de

estratégia por parte dos donos, uma vez que seria mais perto para criá-los e uma garantia na venda e compra dos animais, mais rapidamente.

Assim como a Festa de Reis, a Festa de São Bento também se tornou numa festividade que alcançou o ápice em Cabaceiras. Assim, em versos, destaca-se:

Assim, todos os anos em agosto
na primeira segunda-feira,
acontece a festa mais popular
da região caririzeira.
Fruto de nobres ideais,
Entre elas, a do padre Enéias,
Simplesmente pioneira.
(CABACEIRAS, 2009, p.16)

Tomando por base discursiva o verso acima, podemos perceber o quanto a Festa de São Bento tornou-se, no transcorrer dos anos, uma festa popular simplesmente pioneira, que era e ainda é realizada no mês de agosto de todos os anos, aglomerando, ainda, uma proporção considerável de pessoas, aonde pessoas vêm em busca de conhecer à cultura, como também se divertir, entretenimento esse, proporcionado tanto pelo público circunvizinho quanto os de outras localidades.

No que diz respeito aos espaços religiosos de Cabaceiras, eram instituídas duas igrejas. A matriz de Nossa Senhora da Conceição, em 1720, onde as pessoas da elite cabaceirense obtinham livre passagem na prática de suas crenças e a Capela de Nossa Senhora do Rosário, em 1860, feita pelos escravizados no intuito de praticar seus ritos, haja vista que estes não podiam exercitá-los na igreja matriz.

Nesta perspectiva, são diversos os aspectos destacados, neste trabalho, para conhecermos um pouco acerca de Cabaceiras nos anos que vão de 1930 a 1960, buscando destacar o quanto o ambiente em que ocorria a referida festa apresentava certos aspectos culturais com um toque de sociabilidade e divertimento, onde a alegria era percebida a partir dessa festividade.

3.1.2- OS PROTAGONISTAS E SEUS LUGARES NO ESPAÇO SOCIAL DA FESTA DE REIS

Neste item abordaremos a visão dos protagonistas que faziam parte da Festa de Reis, instituindo os seus lugares no espaço social dessa festividade, na qual a tradição vem sendo reinventada a cada ano, pois segundo Hobsbawn e Ranger (2008),

[...] as tradições “inventadas” são reações a situações novas que ou assumem a forma de referência a situações anteriores, ou estabelecem seu próprio passado através da repetição quase que obrigatória. É o contraste entre as constantes mudanças e inovações do mundo moderno e a tentativa de estruturar de maneira imutável e invariável ao menos alguns aspectos da vida social que torna a “invenção da tradição” um assunto tão interessante para os estudiosos da história contemporânea (Hobsbawn, Ranger, 2008, p.10)

Essa (re) invenção possibilitou, como destaca Hobsbawn e Ranger (2008), que a festa obtivesse novos olhares, na relação com atos passados, a partir de ações tradicionais que são vistas e admiradas e que jamais poderão ser esquecidas. Como exemplo, podemos salientar o Reisado que se tornou uma tradição praticada por laços, de herança, de parentesco. Vejamos o que a seguinte depoente destaca acerca dessa tradição familiar:

Meu pai e meu avô eram descendentes de escravos. Eles participavam da Festa de Reis como reis aqui na cidade. Eles continuaram representando os costumes dos nossos ancestrais, que eram negros e escravos. Me lembro que meu pai gostava muito dessa festa e de ser rei durante o reisado (SEVERINA DOS SANTOS, 2011).

Durante essa fala, podemos notar o quanto a tradição era importante para sua família, pois se tratava de uma representação tradicional, em que os laços familiares perpassavam no bojo dos anos nos quais ocorria a Festa de Reis, em específico, o reisado. Tendo a tradição e a (re) invenção destacada acerca da festa, neste trabalho, procuramos delinear por entre os espaços da festança já mencionada os lugares dos protagonistas e suas funções nessa na mesma.

No que diz respeito à função do rei, é perceptível que o mesmo detinha o “poder” central, considerado a personagem principal desta festividade, uma vez que cabia ao mesmo conduzir as pessoas, “seus súditos”, para a festa.

Abaixo, podemos acompanhar o que uma testemunha tem a acerca do papel do rei:

Me lembro que o rei ficava no centro na hora do cortejo real. Ele era a pessoa que tinha poder de todos que estava lá na festa. Suas roupas eram muito bonitas e, aliás, ele quem fazia tudo acontecer no reisado, onde o povo tinha que ir atrás dele e de sua corte (ALAUDE MEIRA DE SOUSA, 2011)

No que diz respeito à discussão acima, percebemos que o rei atinha plenos “poderes” no decorrer de sua jornada, no cortejo real, em que ficar no centro do cortejo seria uma forma de “poderio”, entrelaçando a suas formas de conduzir as pessoas que ali estavam prestigiando a festa e a ele próprio.

Porém, antes de adentrarmos no tradicional reisado como partícipe central da Festa de Reis, o rei ajudava as pessoas que se dedicavam a organizar a festividade, desde a ornamentação da igreja até as arrecadações de divisas para a mesma. Outro declarante, ao se referir a sua participação na festa destaca **(Anexo 1, 2 e 3)**:

Quando fui rei me lembro que do começo ao fim participei da organização da festa. Me lembro que até mesmo antes de me trajar como rei ajudei meus colegas de organização para ornamentar a festa, arrecadar dinheiro e também como rei, dando alegria ao povo que estava presente no reisado (ADEMAR FRANCISCO DE OLIVEIRA, 2011).

A partir da fala de Ademar Francisco de Oliveira (2011), podemos enfatizar que a participação do rei, como os demais participantes, era fundamental, já que mede suas responsabilidades em organizar a ornamentação da festa. Além disso, obtinha também outro encargo, a de proporcionar alegria aos que estavam prestigiando essa manifestação.

Segundo Gaspar (2010), a vestimenta do *Rei* deve ser mais bonita e enfeitada. Veste saiate ou calção e blusa de mangas compridas, de cores iguais, peitoral, manto de cores diferentes em tecido brilhante (cetim ou laquê); calça, sapato tênis (tipo congá), meões coloridos e, na cabeça, uma coroa feita nos moldes das dos reis ocidentais; levam nas mãos uma espada e, às vezes, também um cetro.

Em relação às vestimentas do rei na Festa de Reis, o mesmo obtinha trajes semelhantes, descritos por Gaspar, porém levando nas mãos um cetro, instrumento que também proporcionava o “poderio” do rei no cortejo real.

Quanto à rainha, esta também detinha influência e ficava no centro do cortejo real ao lado do rei. Observemos a alusão seguinte sobre a rainha no cortejo real:

Segundo eu sei a rainha obtinha um papel importante no cortejo real e que ficava do lado do rei. Eles alegravam a festa e faziam com que as pessoas se alegrassem também. Até mesmo as roupas eram coloridas, divertidas. Isso também fazia com que agente se alegrasse (SEVERINA DOS SANTOS, 2011).

Com base no que foi dito na citação anterior, observamos que a rainha fazia parte do centro do poder, ao lado do rei, no contexto da festa, já que se tornavam elementos importantes que compunham o reisado. Além disso, o sentimento de alegria, ao destacar o papel da rainha e do rei, favorecia para que, em todos os anos, a mencionada festa acontecesse.

Segundo Volpato (2009), geralmente a rainha vestia-se de branco ou rosa, dando um toque de sutileza com as jóias que se destacavam em meio à festividade. Além da coroa, símbolo direto da função ou papel de rainha e de rei na festa (**Anexo 4 e 5**).

Durante o cortejo real ou o reisado, junto com a banda de pífanos, se apresentava um dançarino que recebia o nome de capitão de lança. Segundo Cabaceiras (2009), essa personagem dançava fazendo trejeitos característicos dos velhos guerreiros africanos. Vejamos o destaque que segue sobre esse integrante do cortejo:

Na Festa de Reis a comitiva real saía na rua em desfile, acompanhados por uma banda de pífanos, havendo a dança do coco. Nessa festa havia um dançarino que recebia o nome de capitão de lança. Ele representava dançando e jogando a lança em diversas direções, nas posições inclinada, vertical e horizontal (SEVERINA DOS SANTOS, 2011).

Percebendo a representação do capitão de lança, a partir da Sra. Severina (2011), tomamos como aspecto importante dentro do cortejo real ou

comitiva real, o fato de quando o capitão dá início à dança e ao ato de jogar a lança em diversas direções, fazendo com que as pessoas que ali estão prestigiando a festa, conheçam e admirem essa tradicional festividade. Festividade esta que, segundo Ginzburg (1987), perpassa por uma circularidade cultural. Essa circularidade, por sua vez, vem pressupor que o encontro de “dois mundos” fosse estruturado em apenas um, a partir da socialização, da solidariedade e do prestígio dado tanto pela população local como por pessoas vindas de outras localidades.

Já de acordo com Sousa (2005), na Festa de Reis em Cabaceiras, na lança do capitão eram colocados dois laços de fitas coloridos. Suas vestimentas eram de cor branca, botas da mesma coloração enfeitadas com bolas coloridas e um chapéu igualmente disposto, sem aba. Ao seu lado havia o porta-lança. Segundo Alaíde Meira de Sousa (2011), o porta-lança detinha a função de pegar a lança, caso o capitão a deixe cair. Ambos faziam a função de uma espécie de guardas da família real.

No que concerne à animação para o cortejo real, a função cabia aos pifeiros ou pífanos. Eles buscavam acalorar a Festa de Reis durante os cinco dias. Era por meio deles que o capitão de lança dava início ao seu espetáculo na dança, encantando a todos que prestigiavam a festa e seus partícipes. Sobre o destaque à função dos pifeiros, observemos:

Os pifeiros fazia parte do cortejo como também da festa toda. Eles tinham o dever de animar o povo que estava na festa. Todos os dias da festa eles estavam lá tocando e animando o povo. Me lembro que eles animavam também o cortejo. Era bom demais (risos) (ADEMAR FRANCISCO DE OLIVEIRA, 2011).

Dando ênfase a fala acima, percebemos que os pifeiros possuíam uma função importante, uma vez que participavam da referida festividade todos os dias, pois era a partir da banda de pífanos que o cortejo real ganhava vida, já que vários integrantes utilizavam-se da dança, a exemplo do capitão de lança para empreender suas participações nessa festividade.

À frente de todo o cortejo real ficam os irmãos de ópa⁹. Estes abriam alas para o espetáculo, dando início o reisado. Vejamos o que a entrevistada nos tem a dizer sobre os irmãos de ópa:

Me lembro que os irmãos de ópa, quando era o momento da procissão, ficavam à frente do cortejo real, onde carregavam uma cruz branca. Eram todos homens, tinha mais o menos 12 homens. Me lembro que eles carregavam barandões¹⁰ e que abriam o caminho para ocorrer o cortejo real. (SEVERINA DOS SANTOS, 2011).

Tomando como baliza a discussão feita por Severina dos Santos (2011), percebemos que, na organização do cortejo real, os irmãos de ópa possuíam lugar de destaque e importância à frente de todo o cortejo. No entanto, mais do que isso, devemos observar que, não apenas a partir dos irmãos de ópa, como também do cortejo, como um todo, apresentava-se uma visão de organização perfeita e que arrancava do interior do povo o respeito, atraindo público de todos os lugares, fossem eles circunvizinhos ou de outras regiões.

Verificamos, a partir do breve mapeamento dos partícipes da Festa de Reis, como também de toda a organização no cortejo real, que essa festividade proporcionou a todos que ali estavam, uma manifestação de alegria, ocasionando uma sociabilidade, tanto os que participaram do cortejo, quanto os que prestigiavam como plateia. Assim, trocas de experiências, de saberes e de sentimentos foram os materiais preponderantes para fazer da Festa de Reis uma das melhores do Nordeste.

3.2- SOCIABILIDADES DA FESTA DE REIS DE CABACEIRAS: DOS RITOS AFRO-BRASILEIROS E DA CELEBRAÇÃO NAS RUAS

Neste momento abordaremos acerca das memórias da Festa de Reis de Cabaceiras a partir de depoimentos coletados entre pessoas que eram netos, filhos ou quem organizava a festa, a partir das lembranças das pessoas abordadas nesse trabalho. Torna-se importante enfatizar que a Festa de Reis, como expressão da cultura afro-brasileira, ganhou contornos em Cabaceiras através dessa ancestralidade africana, pois foi a partir dos descendentes dessa

⁹ Ópa: uma veste branca em forma de batina.

¹⁰ Pedacos de canos branco onde se colocavam velas.

cultura, que deu lugar social na cidade de uma de sua mais importante festividade que perdurou por muito tempo como uma das melhores festas do Nordeste.

Oriundos, em sua maioria, da zona urbana os participantes da Festa de Reis deixavam o trabalho como agricultores e donas-de-casa para ingressarem em outro espaço: o da festa. Nela seus partícipes buscavam deixar à margem a vida cotidiana e se voltavam para o espaço da alegria, da sociabilidade, da lembrança, que foram iniciadas pelos seus ancestrais. Ancestralidade esta perpassada por laços familiares, de herança, considerada aqui uma festividade tradicional, pois, segundo Hobsbawn e Ranger (2008), a tradição é entendida como um conjunto de práticas, de natureza simbólica, que visam inculcar certos valores ou normas de comportamento através da repetição, implicando uma continuidade em relação ao passado. Segundo Rios (2006),

Durante a festa, suspendem-se as atividades normais, os afazeres cotidianos. Os devotos deixam a lida habitual, a batalha pela sobrevivência, o trabalho voltado a produzir bens que garantem a vida na afirmação de um sentido para a vida, sentido que se perfaz na religião com o divino. Na festa o trabalho tem uma outra natureza. Trabalha-se para Nossa Senhora do Rosário [...], para os Santos Reis. Na festa e pela festa cuida-se de separar da azáfama do dia-a-dia o que realmente importa, de selecionar o que deve permanecer e, portanto, ser lembrado, celebrado (RIOS, 2006, p.66).

Sendo assim, como nos mostra Rios (2006), a Festa de Reis, especificamente em Cabaceiras, tornou-se uma manifestação que busca um sentido religioso, com o divino, em que o trabalho é deixado de lado no intuito de (re)lembrar e celebrar essa festividade.

Além disso, essa tradicional festa apresentava sua circularidade cultural devido à troca constante de culturas, como mostra Ginzburg (1987) em que essas trocas foram possíveis pelo esforço de organização entre a camada popular e a elite, embora aquela tenha participado diretamente da Festa de Reis.

A Festa de Reis em cabaceiras, entre 1930 e 1960, tornou-se uma das mais conhecidas e prestigiadas do Nordeste. O período recortado para estudo tornou-se preponderante, pois foi nele que a festa obteve seu ápice.

Iniciou-se na Igreja do Rosário, especificamente no dia 02 de Janeiro às 5:00 horas da manhã, em que era hasteada a bandeira de Nossa Senhora do

Rosário, em frente à igreja. Para conhecermos um pouco acerca da representação da Nossa Senhora do Rosário na Festa de Reis é necessário lembrarmos que nessa festividade os negros escravizados tinham devoção pela santa, e, que inclusive, era adorada também pelos brancos, inicialmente em Portugal e posteriormente no Brasil. Severina dos Santos (2011), ao se reportar acerca do início da Festa de reis destaca:

Me lembro que no começo da festa iam hastear a bandeira em frente da igreja do Rosário, bem cedo. Creio que era no dia dois de Janeiro. Nesse momento se dava início a Festa de Reis, uma das melhores festas que frequentei. Era muito animada (SEVERINA DOS SANTOS, 2011)

Dando destaque a fala de Severina dos Santos (2011), observamos que esta festa tinha uma especial representação, seja no período da escravização ou nas décadas do século XX que são norteadas por este estudo, em que a animação era iniciada a partir do hasteamento da bandeira.

Nos dias 02, 03, 04 e 05 de Janeiro dava-se início ao novenário¹¹. Alaíde Meira de Sousa (2011), ao se referir ao novenário nos enfatiza:

Quando era no primeiro dia agente começava o novenário até no dia cinco de Janeiro. Todos os que organizava a festa, inclusive o rei e a rainha e as pessoas que iam ver a festa, participava do novenário. Geralmente o novenário acontecia de tardinha (ALAIDE MEIRA DE SOUSA, 2011).

Tomando como premissa norteadora o discurso de Alaíde Meira de Sousa (2011), percebemos que a Festa de Reis não se enfocou, unicamente, ao aspecto profano, como o cortejo real, por exemplo, mas ao aspecto religioso. Este se tornou um viés de importância e destaque para os devotos, haja vista que o novenário estava direcionado a estes, em que a palavra de Deus e devoção a Nossa Senhora do Rosário foram a base para essa festividade.

Durante a noite do dia 05 de janeiro Cabaceiras se envolvia por completo com a Festa de Reis, pois as pessoas saíam de suas casas para prestigiá-la na rua. Ademar Francisco de Oliveira (2011), ao se referir a Festa de Reis, em específico no dia cinco de janeiro, destaca:

¹¹ Rezas feitas durante nove dias.

No dia cinco, durante à noite, começa a festa na rua. Nela os pífanos davam alegria ao povo que estavam na festa porque eles tocavam músicas alegres e que podia ser dançado. Além disso, tinha os pavilhões, onde acontecia a arrematação¹² (ADEMAR FRANCISO DE OLIVEIRA, 2011).

No que concerne a discussão de Ademar (2011) podemos observar que o caráter profano obteve um sentido de alegria e diversão capaz de aglomerar uma quantidade de pessoas, onde a sociabilidade era mais forte. Segundo Pergo (2007),

As festas populares de caráter profano apresentam o sentido de diversão, visando a entreter os visitantes por mais tempo nas festas, como os leilões, as danças, as comidas, as barraquinhas, entre outros (PERGO, 2007, p. 1)

É nesse sentido, e comparando com a fala de Ademar Francisco de Oliveira (2011), que o dia 05 de janeiro propiciava uma aglomeração de pessoas, cabaceirenses ou de outras localidades, tendo como elemento impulsionador as danças, comidas, barraquinhas e pavilhões, espaço de encontro de diversão e lazer dos participantes.

No que diz respeito às barraquinhas e comidas, que faziam parte do contexto da festa, Severina dos Santos (2011), enfatiza:

Á noite agente preparava as barraquinhas para colocar os objetos e a comida pra vender. Tinha muita gente e o dinheiro dos objetos vendidos ajudava a igreja do Rosário. Era muito animado. Eu gostava de organizar a festa, me sentia bem com a minha santa (risos) (SEVERINA DOS SANTOS, 2011).

Tomando como base narrativa a fala de Severina dos Santos (2011), percebemos que a festa além de propiciar uma sociabilidade entre as pessoas que participavam da festividade, seja direta ou indiretamente, tinha como objetivo central a religiosidade, em que organizar a Festa de Reis seria uma forma de cumprir uma responsabilidade ou mesmo promessa com Nossa Senhora do Rosário.

¹² Uma pessoa fica com objetos para leiloar e gritava: Quem dá mais, e quem oferecesse o maior valor, em dinheiro, levaria o objeto.

No dia seis de janeiro, dia de Reis, durante a manhã, especificamente às 10:00 horas, era realizada a missa na igreja do Rosário e no decorrer do dia os pífanos continuavam a tocar e os que ali estavam permaneciam a dançar. Segundo Severina dos Santos (2011):

No dia seis de janeiro, depois da missa das 10:00 horas, agente se dirigia para o mercado, onde existia uma mesa repleta de prêmios que tinham sido arrecadados nas circunvizinhanças. Tinha bode, galinha, pratos, talheres, ovos e roupas. Aquele que oferecesse mais levaria o prêmio e o dinheiro iria para a igreja (SEVERINA DOS SANTOS, 2011).

Ao destacar sobre o dia 06 de janeiro, Severina dos Santos (2011) nos faz pensar que dentre os vários dias que ocorria a Festa de Reis, esse seria o mais aguardado, pois as pessoas além de se divertirem também proporcionavam para a igreja uma generosa arrecadação.

Durante à tarde, especificamente às 16:00 horas, acontecia a segunda missa, logo em seguida a procissão era iniciada em louvor a Nossa Senhora do Rosário. Junto à procissão seguia a comitiva real composta pelo rei, rainha, capitão de lança, porta lança e irmãos de ópa, além dos pífanos. Alaíde Meira de Sousa (2011), ao remeter acerca do cortejo real e sua trajetória pela cidade nos realça:

Quando acabava a missa agente ia pra procissão e junto com ela estava a comitiva real. Na frente ficavam os irmãos de ópa vestidos de branco e levavam nas mãos baradões. Logo após vinha os pifeiros para animar a festa e depois o rei e a rainha, eles ficavam no centro. Ao lado dos dois ficavam o capitão de lança e o porta lança, eram como guardas do cortejo. O povo ia acompanhando o cortejo até o fim. A comitiva saía da igreja do Rosário e caminhava por toda cidade até voltar pra mesma igreja. Após acabar o cortejo real a festa continuava com os pífanos tocando e o povo dançando (ALAIDE MEIRA DE SOUSA, 2011).

Dando ênfase ao que destaca Alaíde (2011), observamos que em todo momento a Festa de Reis era organizada com inteira culminância, uma vez que a cada horário e espaço ocorria o evento já premeditado pelos organizadores, fazendo dessa festividade uma manifestação apreciada, seja pela população cabaceirense ou por pessoas vindas de outras localidades.

Ao término dessa festa, no dia 07 de janeiro, no mesmo horário, vem a ser retirada a bandeira, posta à frente da igreja do Rosário. Enfim,

já se passaram 150 anos dessa majestosa festa e durante todo esse tempo muitas pessoas contribuíram para que a história da Festa de Reis de Cabaceiras e da Igreja do Rosário não fosse trancafiada na arca do esquecimento (CABACEIRAS, 2010, p. 3).

Esse fragmento de Cabaceiras (2010) acerca da importância da Festa de Reis e a relação com o esquecimento nos fazem lembrar a necessidade de cada um dos entrevistados para que a efetivação desse trabalho fosse feita. Segundo Bosi (1994), os velhos jorram a essência da cultura, pondo onde o passado se conserva e o presente se prepara, pois só perde o sentido aquilo que no presente não é percebido como visado pelo passado.

A partir desta perspectiva, percebemos a inteira importância posta pelos entrevistados acerca da Festa de Reis de Cabaceiras, pois fez com que a sociabilidade, a alegria, a diversão e a necessidade de organização fossem componentes cruciais de uma cultura ainda “não trancafiada na arca do esquecimento” (CABACEIRAS, 2010, p.3).

Sendo assim, ao se referir à importância da Festa de Reis, Severina dos Santos nos enfatiza (2011):

Creio que a Festa de Reis foi uma das mais importantes festas da região, porque ela se tornou fundamental para a reivindicação dos negros, para expandir a cultura cabaceirense e também para nós, pois nos dava alegria e reconhecimento na cidade (SEVERINA DOS SANTOS, 2011).

Tomando como base discursiva a fala de Severina (2011), podemos perceber o quanto era importante para as pessoas que participavam dessa festa, pois se sentiam reconhecidos perante um contingente de pessoas que buscavam nessa festividade a diversão. Outro aspecto importante e que merece ênfase é a necessidade de reivindicar a cultura afro-brasileira, presente a todo o momento na Festa de Reis de Cabaceiras.

Segundo Nogueira (2007), a Festa de Reis constituiu novos laços sociais e formas culturais, assumindo uma maior visibilidade ao sair pelas ruas das cidades em cortejos carregados de rituais e danças tipicamente africanas, mesmo adotando formas portuguesas para a expressão de valores africanos. Mediante este fato, percebe-se que a partir da crença, com força nas palavras, nos gestos, nos cânticos, na dança, a forte relação com a ancestralidade, o

respeito aos antepassados como uma obrigação sagrada, foram características presentes no universo da Festa de Reis em Cabaceiras e de quem participava dela, seja direta ou indiretamente.

A cultura afro-brasileira, através de suas expressões, a exemplo da festa de Reis em Cabaceiras, foi se reinventando, a partir dos seus participantes, no transcorrer do tempo, porém levando a tradição familiar como preponderante para a cultura da cidade. “São tradições que constituem a resistência dos povos em defesa de sua cultura e de seus costumes” (PERGO, 2006, p.1). Resistências estas percebidas a partir das danças, vestimentas e gestos dos partícipes da Festa de Reis, defendidos pelos laços culturais familiares, de herança.

Nesta perspectiva, a Festa de Reis é um importante elemento na integração do negro junto à sociedade brasileira. Agrupados em torno de uma devoção, o povo escravo procurou manter sua cultura e aspirava sua valorização como ser humano dotado de conhecimentos e sentimentos, que merecia ser tratado com dignidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Várias sensações, sentimentos e pensamentos nos ocorrem e nos percorrem ao chegar nesta parte da escritura. Experimentamo-nos, (re)encontramo-nos, procuramos retomar as questões fundamentais constituídas no decurso desta investigação e construir sentidos para o trajeto até então percorrido.

Percebemos que tais sentidos foram sendo construídos ao longo da tessitura e que esta “finalização” não pode ser tomada como uma espécie de “coroamento” do trabalho no qual prevalecem a sagração de verdades, a prescrição de caminhos promissores. Por outro lado, há posicionamentos, dúvidas e possibilidades que não podem ficar em estado latente, posto que isto significa um desrespeito para todos os sujeitos envolvidos nesta construção. Sendo assim, se faz perceber a necessidade de outros trabalhos, continuadores deste, para remetermos a finalização do presente estudo.

Trabalhar com a temática festa, em específico a Festa de Reis em Cabaceiras, nos fez perceber o quanto essa manifestação tornou-se uma expressão cultural que a partir dos costumes e tradições dos partícipes desta proporcionou para a cidade um maior desenvolvimento, tanto no aspecto econômico quanto na concepção cultural.

É perceptível observarmos a existência de tal festividade como um caráter de relações sociais e de solidariedade criadas por laços de vizinhança, parentesco, comunhão religiosa, regozijo coletivo-festivo etc. A atuação coletiva integrada de tais atores sociais na organização e performance da festa significou e significa, muitas vezes, a possibilidade de protagonismo social e de utilização do espaço público confiscado, seja ao longo da história ou mesmo do ano vigente.

Esta pesquisa foi importante pois deu vozes a pessoas anônimas, os/as entrevistados/as, indivíduos capazes de dar significado a uma festividade que favoreceu para o desenvolvimento da cidade, a partir destes que utilizaram da

sociabilidade, afetividade e organização para estruturar uma manifestação bastante conceituada e conhecida em toda região Nordeste.

Para tal estudo, consideramos que a voz dos partícipes tornaram-se preponderantes para efetivarmos a tessitura deste trabalho, pois são eles que obtêm o conhecimento de como ocorreu a Festa de Reis em Cabaceiras.

Esse trabalho não representa apenas uma amostra de manifestação cultural, mas uma manifestação que buscou na sociabilidade bem como na expressão da luta e resistência negra uma festividade capaz de trazer seus significados e seus significantes.

Tendo como premissa toda essa discussão, percebe-se que o presente estudo contribuirá para o conhecimento dos seus habitantes a partir dessa festa, pois a história da Festa de Reis é a história da cidade. Diante disto, os cabaceirenses terão a possibilidade de tomarem conhecimento acerca do trabalho e buscarem trabalhar numa perspectiva educacional em que ultrapassem os muros das instituições escolares, havendo uma relação mais próxima entre a escola e os trabalhos acadêmicos.

Nesta perspectiva, essa pesquisa nos trouxe possibilidades de focar dois viéses que representaram a festa de Reis em Cabaceiras como uma manifestação cultural, a sociabilidade e a resistência da cultura afro-brasileira. Aquele tornou-se preponderante para fazer dessa festividade uma das mais conceituadas do Nordeste; este a partir de expressões, gestos e práticas capazes de representar a luta constante da cultura afro-brasileira.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- ANTONIL, André João. *Cultura e opulência do Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia/Edusp, 1982.
- BARROS, José D'Assunção. *O Campo da História*. Petrópolis: Editora Vozes. 8.ed, 2011.
- BOSI, Eléia. *Memória e Sociedade: lembranças dos velhos*. 3.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *A Cultura na Rua*. Campinas: Papyrus, 1989.
- BURKE, Peter. *Testemunha Ocular: História e Imagem*. Bauru: EDUSC, 2004.
- CABACEIRAS, Paulinho de. *Festa de Reis em Cabaceiras*, 2010.
 _____ . *Vila Federal de Cabaceiras: de Sesmarias à Municipalidade (1734 – 1835)*, 2009.
- COUTO, Edilece Souza. *Devoções, festas e ritos: algumas considerações*. In: *Revista Brasileira de História das Religiões – Ano I, no. 1, 2005. P. 1-10*.
- CUCHE, Dennys. *A noção de cultura nas ciências sociais*. Bauru: EDUSC, 1999.
- DUVIGNAUD, Jean. *Festas e Civilizações*. Fortaleza, Edições Universidade Federal do Ceará & Rio de Janeiro, 1983.
- FERNANDES, Nelson da Nobrega. *A cidade, a festa e a cultura popular*. *GEOgraphia* - Ano. 6 - NQ 11. 2004.
- FILHO, Mozart Lacerda. *Nova História Cultural e Micro-História: uma breve Reflexão sobre suas Origens*. *Revista Museu*, 2005.
- FREITAS, Sônia Maria de. *História oral: possibilidades e procedimentos*. 2. ed. São Paulo: Associação Editorial Humanistas, 2006.
- GANGORRA, Mônica. *Festa de Reis em Queimadas-PB*, Campina Grande. UEPB, 2008.
- GASPAR, Lúcia. *Reisado*. Fundação Joaquim Nabuco, 2010.
- GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes - o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição*. São Paulo: Cia. das Letras, 1987.

_____. O inquisidor como antropólogo: Uma analogia e as suas implicações. in *A micro-história e outros ensaios*. Lisboa: Difel, 1991.

HOBBSAWN, Eric; RANGER, Terence (org.). *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2008.

LEONEL, Guilherme Guimarães. *Festa e sociabilidade: reflexões teóricas e práticas para a pesquisa dos festejos como fenômenos urbanos contemporâneos*. Cadernos de História, Belo Horizonte, v.11, nº15, 2º sem, 2010.

LIMA, Euges. *História e Antropologia: uma aproximação profícua*. 2011.

NOGUEIRA, Rodrigo Muniz Ferreira. *A festa negra na Bahia: do medo à apoteose*. CULTUR, ano 02, nº1, jan, 2008.

PERGO, Vera Lúcia. *Os rituais na folia de reis: uma das festas populares brasileiras*, 2006.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História e história cultural*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

REZENDE, Antônio Paulo. *Educação escolar: vivendo e convivendo na cidade*. 2001.

RIOS, Sebastião. Os cantos da festa do reinado de Nossa Senhora do Rosário e da folia de reis. In *Sociedade e Cultura*, vol. 9, nº 001. UFG: Goiania, 2006.

ROSA, Helena. *História Oral e Micro-história: aproximações, limites e proximidades*, 2007.

SANTOS, Claudfranklin Monteiro. *A festa como objeto de pesquisa histórica no campo da regionalidade*, 2008.

SOUZA, Antonio Clarindo Barbosa de. *Lazeres Permitidos, Prazeres Proibidos: sociedade, cultura e lazer em Campina Grande (1945-1965)*. Tese de Doutorado em História, UFPE, Recife, 2002.

SOUSA, Orlando de Almeida. *O Reisado em Cabaceiras (1860-1945)*, Campina Grande: UEPB, 2005.

VAINFAS, Ronaldo. *Os protagonistas anônimos da história*. São Paulo: Campus, 2002.

VOLPATTO, Rosane. *Festa da Nossa Senhora do Rosário*, 2009.

APÊNDICE

LISTA DOS ENTREVISTADOS:

Ademar Francisco de Oliveira13 de Junho de 2011.
Severina dos Santos 15 de Junho de 2011.
Alaíde Meira de Sousa12 de Julho de 2011.
Maria do Socorro Gomes de Lima..... 25 de Julho de 2011.

Nome:

Escolaridade: Profissão: Agricultora

Etnia: branco () negro () indígena () outros ()

Há quanto tempo mora em Cabaceiras:

1º) Como era a Festa de Reis em Cabaceiras na sua juventude?

2º) Como as pessoas se organizavam nessa festa? E quem organizava essa festa?

3º) Fale como era a cidade de Cabaceiras no período em que ocorria a Festa de Reis?

4º) Quais eram os espaços de lazer em Cabaceiras no período da Festa de Reis?

5º) Como as pessoas se vestiam e se preparavam nos dias da Festa de Reis?

6º) Que tipos de canções eram cantadas na Festa de Reis?

7º) Havia a missa na Festa de Reis e como eram estabelecidas, antes e depois do cortejo de Reis?



ANEXO 1: Acervo pessoal de Fernanda de Farias Sousa.



ANEXO 2: Acervo pessoal de Fernanda de Farias Sousa.



ANEXO 3: Acervo pessoal de Fernanda de Farias Sousa.



ANEXO 4: Acervo pessoal de Fernanda de Farias Sousa.



ANEXO 5: Acervo pessoal de Fernanda de Farias Sousa.



ANEXO 6: Acervo pessoal de Farias Sousa.



ANEXO 7: Acervo pessoal de Fernanda de Farias Sousa.

